



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**ARISTELA EVANGELISTA DOS SANTOS**

**AS MÚLTIPLAS NARRATIVAS INFANTIS NA CONSTRUÇÃO DA  
PRÁTICA PEDAGÓGICA DA CRECHE SANTA MARIA**

Camaçari  
2016

**ARISTELA EVANGELISTA DOS SANTOS**

**AS MÚLTIPLAS NARRATIVAS INFANTIS NA CONSTRUÇÃO DA  
PRÁTICA PEDAGÓGICA DA CRECHE SANTA MARIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, para fins de obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Prof<sup>a</sup> Ana Paula Conceição

Camaçari  
2016

**ARISTELA EVANGELISTA DOS SANTOS**

**AS MÚLTIPLAS NARRATIVAS INFANTIS NA CONSTRUÇÃO DA  
PRÁTICA PEDAGÓGICA DA CRECHE SANTA MARIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência da Educação Infantil, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 18 de junho de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

Ana Paula Silva da Conceição – Orientadora \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade  
Federal da Bahia

Universidade do Estado da Bahia

Rosemary Lacerda Ramos \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade  
Federal da Bahia

Instituto Superior de Educação Ocidente

Dedico este trabalho as crianças da Creche Santa Maria e as crianças do grupo 05 (2015) do Centro Integrado de Educação Infantil Pomar Encantando, que confiaram em mim, na minha mediação e me encheram de amor durante cada minuto em que estive com elas.

## AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, como sempre, a Deus por ter me dado a oportunidade, a força, a coragem e a persistência em concluir essa Especialização em Docência na Educação Infantil na Universidade Federal da Bahia-UFBA.

Ao meu marido Anderson, por ter me apoiado, por ter acordado comigo às 5h da manhã para me levar até a rodoviária e me buscar todos os sábados, e sempre preocupado com meu bem estar nesse processo.

A Associação Paulo Tonucci- APITO, por ter proporcionado meu crescimento pessoal e profissional em mais de 11 anos de convivência e partilha, por ter acreditado em mim e por ter me dado a oportunidade de sonhar e vivenciar uma escola democrática e que ouve suas crianças e que busca aprender sempre com elas e com todos a sua volta.

As professoras Edna Rodrigues e Ana Paula Conceição pela cumplicidade nas aulas de Análise Crítica da Prática Pedagógica.

A cada professora da equipe da Coordenação do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil-UFBA, pela dedicação, sensibilidade, parceria e sabedoria.

O Homem da Orelha Verde"

"Um dia num campo de ovelhas  
Vi um homem de verdes orelhas

Ele era bem velho, bastante idade tinha  
Só sua orelha ficara verdinha

Sentei-me então a seu lado  
A fim de ver melhor, com cuidado

Senhor, desculpe minha ousadia, mas na sua idade  
de uma orelha tão verde, qual a utilidade?

Ele me disse, já sou velho, mas veja que coisa linda  
De um menininho tenho a orelha ainda

É uma orelha-criança que me ajuda a compreender  
O que os grandes não querem mais entender

Ouçõ a voz de pedras e passarinhos  
Nuvens passando, cascatas e riachinhos

Das conversas de crianças, obscuras ao adulto  
Compreendendo sem dificuldade o sentido oculto

Foi o que o homem de verdes orelhas  
Me disse no campo de ovelhas."

Gianni Rodari

SANTOS, Aristela Evangelista dos. **As Múltiplas Narrativas Infantis na Construção da Prática Pedagógica da Creche Santa Maria**. 58fl. Faculdade de Educação da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2016.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como tema: As Múltiplas Narrativas Infantis na Construção da Prática Pedagógica da Creche Santa Maria. A pesquisa se justifica na necessidade da educadora-pesquisadora se aprofundar teoricamente e metodologicamente na pedagogia da escuta e sua transposição na construção da proposta pedagógica da Creche Santa Maria. A pergunta que norteia esse trabalho é: Como as múltiplas narrativas infantis podem contribuir na construção da prática pedagógica da Creche Santa Maria? Esta pesquisa tem como objetivo investigar as narrativas infantis como estratégias de participação das crianças na construção da proposta pedagógica da Creche Santa Maria, bem como conhecer o processo de escuta sensível do professor através das narrativas das crianças para refletir sobre os elementos que compõe a prática pedagógica, busco ainda com essa pesquisa apontar estratégias de ensino/aprendizagem que estimulam a participação das crianças no evidenciamento de sua opinião sobre os saberes e fazeres estimulados na Creche Santa Maria e por fim transpor os conhecimentos oriundos das falas infantis em uma prática pedagógica baseada na pedagogia da escuta.

Nesta perspectiva, o estudo de campo será a própria escola acima citada, a qual é localizada no município de Camaçari/Ba, os sujeitos da pesquisa serão crianças de 04 anos de idade e sua respectiva docente. O estudo enquadra-se na modalidade de pesquisa educacional de base qualitativa, inspirada na Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial (Macedo, 2004). O referencial teórico será baseado nos estudos de Francesco Tonucci (1998), Loris Malaguzzi (1998), Carla Rinaldi (2013), Oliveira-Formosinho (201), e na teoria sociointeracionista que reuni teóricos como Jean Piaget, Vygotsky e Dewey. Ambos pedagogos e teóricos que vêem a criança como um ser potente, criativo e capaz de contribuir para a sua própria aprendizagem. Ao analisar as narrativas infantis das crianças, vislumbrei a necessidade um caminho constante de investigação do processo de ensino/aprendizagem autêntico e simbiótico com os saberes, necessidades e desejos das crianças, sendo esse processo documentado e analisando junto com as crianças e comunidade escolar.

**Palavras-chave:** Criança; Pedagogia da escuta; Narrativas infantis, Saberes e aprendizagem.

SANTOS, Aristela Evangelista dos. **The Multiple Narratives Children in Teaching Practice Construction of Creche Santa Maria.** 58fl. Faculty of Education, Bahia Federal University, Salvador, 2014.

### **ABSTRACT**

This research has as its theme: The multiple narratives children in teaching practice construction of Creche Santa Maria. The research is justified in need of teacher-researcher studying profoundly theory and method in pedagogy of listening and its implementation in Creche Santa Maria pedagogical proposal construction. The question that guides this work is: How can multiple children's stories contribute to construction of Creche Santa Maria pedagogical practice? This research intends to investigate the children's narratives as strategies of children participation in construction of Creche Santa Maria pedagogical proposal, as well as knowing the teacher sensitive listening process through children's narratives to reflect on the elements that integral teaching practice. In this perspective, the study field will be the school it self cite above, which is located in the city of Camaçari/Ba. The research subjects will be 04 years old children and their respective teacher. The study adjusts it self as qualitative base educational research mode, inspired by the Etnopesquisa Criticism and multireferencial (Macedo,2004). The theoretical referential will be based on studies of Francesco Tonucci(1998), Loris Malaguzzi (1998), Carla Rinaldi (2013), Oliveira-Formosinho(2007), and also based on sociointeractionist theory that meeting theorists like Jean Piaget, Vygotsky and Dewey. Both teachers and theorists who see child as a power fuland, creative being, able to contribute to their own learning. By analyzing children's narratives we glimpsed the need of a constant research path of authentic and symbiotic teaching / learning process with the knowledge, needs and wishes of children.The process was documented and analyzed together children and school community.

**Key words:** child; listening pedagogy; children narratives; knowledge and learning.

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACPP	Análise Crítica da Prática Pedagógica
APITO	Associação Paulo Tonucci
ADI	Auxiliar de Desenvolvimento Infantil
CIEI	Centro Integrado de Educação Infantil
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FACED	Faculdade de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
RCNEI	Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
SEB	Secretaria de Educação Básica

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PRIMEIROS PASSOS.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>AS NARRATIVAS INFANTIS E A PEDAGOGIA DA ESCUTA .....</b>	<b>19</b>
<b>2.1</b>	<b>INFÂNCIA E PEDAGOGIA DA ESCUTA.....</b>	<b>21</b>
<b>2.2</b>	<b>PEDAGOGIA DA ESCUTA E A DOCUMENTAÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>3</b>	<b>CAMINHOS PECORRIDOS .....</b>	<b>28</b>
<b>3.1</b>	<b>MÉTODO E TIPO DE PESQUISA .....</b>	<b>28</b>
<b>3.2</b>	<b>CAMPO DE PESQUISA .....</b>	<b>29</b>
<b>3.3</b>	<b>SUJEITOS .....</b>	<b>30</b>
<b>3.4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS .....</b>	<b>33</b>
<b>4</b>	<b>NA ESCUTA DO OUTRO ME REFAÇO .....</b>	<b>37</b>
<b>4.1</b>	<b>NARRATIVAS DO APRENDIDO .....</b>	<b>38</b>
<b>4.2</b>	<b>RELAXAMENTO.....</b>	<b>40</b>
<b>4.3</b>	<b>RODA DE CONVERSA .....</b>	<b>42</b>
<b>4.4</b>	<b>CONSTRUÇÃO COLETIVA DO PLANEJAMENTO.....</b>	<b>45</b>
<b>5</b>	<b>REFAZENDO-SE AGORA E SEMPRE.....</b>	<b>48</b>
	<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>51</b>
	<b>APENDICES.....</b>	<b>53</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>60</b>

## 1 PRIMEIROS PASSOS

A educação atual tem muitos desafios e um deles não menos ou mais importante está na prática da escuta dos seus atores curriculantes e no caso da educação infantil: as crianças. E não somente escutar, mas fazer dessa escuta inspiração na prática docente, que deverá contribuir para a construção de uma proposta pedagógica da escola.

Na pedagogia da escuta a criança é tida como um sujeito social de direito, potente e capaz de elaborar hipóteses sobre o mundo que a cerca. Neste sentido, não escutar a criança, seus desejos, interesses e sonhos, é fazer de conta que ela não está na escola, que ela não se faz presente, pois independente da proposta pedagógica, seja ela tecnicista ou sociointeracionista, a criança no seu modo, expressa a todo instante sua satisfação ou não para com o que está sendo oferecido para elas. O que precisa é a atenção nessas escutas, nessas observações das diversas expressões das crianças nas salas de aulas, no parquinho, na acolhida, na despedida e perceber nesse cotidiano suas falas e o pior e/ou melhor sua avaliação sobre a prática pedagógica do (a) educador (a) e sobre o que essas crianças estão falando sobre a escola e sua proposta pedagógica.

Dentro desse desafio de escutar os atores curriculantes da educação infantil, está à construção da proposta pedagógica de uma escola que tendo esses atores como centro, ou seja, construir essa proposta pedagógica com a participação dessas crianças, no caso desta pesquisa específica das crianças de 04 anos de idade da Creche Santa Maria, localizada na cidade de Camaçari. Essa inquietação nasce da presente educadora ter tido contato com várias experiências em que as crianças são as potencializadoras de projetos pedagógicos de sucesso, são propulsoras de uma educação democrática, criativa e libertadora e neste sentido faz se urgente construir cada vez mais estratégias de práticas pedagógicas que instigue essas crianças a contribuírem nos seus processos de ensino e aprendizagem dentro e fora da escola, neste caso específico dentro da Creche Santa Maria.

Essa pesquisa se justifica ainda, numa ânsia de um aprofundamento teórico e metodológico a cerca da pedagogia da escuta e sua transposição na elaboração da proposta pedagógica da escola. Como isso se dá no cotidiano

da sala de aula e da escola em questão? Neste processo, o adulto, a educadora tem um papel importante a exercer, de potencializadora das crianças, sem destruir assim a liberdade delas, que querem explorar o mundo a fora. E para que essa potência infantil se expanda necessita de uma prática pedagógica embasada na pedagogia da escuta e nos teóricos que forma ela. E mais, necessita de uma educadora pesquisadora, que investigue, que formule perguntas e mais perguntas das perguntas dos seus educandos e essa competência não é fácil.

Quando decidi pesquisar este problema, vislumbrei toda a caminhada profissional e estudantil até aqui percorrida e percebi que essa postura de professora pesquisadora me faltava, criava uma lacuna no meu fazer pedagógico com as crianças. Sempre elaborei perguntas, sempre refletir sobre minha prática, porém não de forma sistematizada e focada, como no caso que esta pedagogia da escuta nos sugeri e nos convoca.

Quando iniciei no magistério com 15 anos de idade na Escola Normal em Camaçari, sempre coloquei como meta ser uma excelente estagiária e ser uma professora com o mesmo entusiasmo de uma estagiária, sempre cheias de novidades, cheias de sacolas, jogos, brinquedos...E segui assim por muitos anos. Quando ingressei na Faculdade de Pedagogia, senti muito orgulho de mim, pois era a primeira filha dos meus pais a entrar numa faculdade e não somente fazer, mas se fazer dentro dela através da dedicação aos estudos e a paixão que ali nascia pela profissão Professor e por querer fazer sempre mais nesta.

Porém, ao trabalhar na Escola Infantil Apito, percebi que sabia pouco, que me faltava muito para ser uma professora de excelência, mas o processo de formação continuada da Escola Infantil Apito me possibilitou um amadurecimento no exercício da minha prática pedagógica com mais qualidade e reflexão e dando os primeiros passos na pedagogia da escuta, da sensibilidade, da vida.

Na Escola Infantil Apito fui aprimorando essa escuta e ao mesmo tempo me sentindo responsável por promover uma educação infantil em que seu currículo não fosse preso a conteúdos, mas a vivências, a arte enquanto linguagem e não enquanto recurso, potencializar essa arte que já era tão viva e tão latente na nossa proposta pedagógica.

E nessas reflexões coletivas na Escola Infantil Apito nos encontramos, e eu me encontrei, com a abordagem pedagógica de Reggio Emilia, uma cidade na Itália que tendo Loris Malaguzzi como seu promotor, que junto com as famílias, professores e crianças construíram uma pedagogia em que a escola é lugar de alegria, lugar da criatividade, da inspiração diária de novos conhecimentos e de perguntas. Essa aproximação me inquietou e me inquieta até hoje, e me convida a aprofundar numa prática pedagógica em que o adulto, a educadora seja uma mediadora de grandes investigações e não o centro das atenções e que as falas infantis supere a dos adultos.

E nesta jornada enquanto professora e coordenadora pedagógica da Escola Infantil Apito, mergulhei nesta abordagem, convoquei formadores que ajudasse a nós pedagogos, professores e equipe de apoio a ampliar esse olhar para o planejamento (projeções), avaliação (documentação), ambientes, interação/criança/adulto, criança/criança, família/escola. Mas de tudo isso, o que ficou de maior inquietação foi à necessidade da reformulação da proposta pedagógica da escola, que não estava longe do desejado, mas precisava expandir seu currículo e redimensioná-lo no que tange a participação das crianças na formulação do mesmo. Algumas perguntas me acompanhavam e me acompanham: Onde estava a fala infantil nesta proposta? Onde estava a liberdade de criação e investigação? Se a equipe pedagógica baseada na proposta pedagógica todos os anos planejava cada ação que iria acontecer na escola, cadê o lugar para o inédito? Porém, no ano seguinte, fui atuar como professora na Rede Pública de Ensino de Camaçari e como transpor toda essa inquietação e vontade no exercício da docência na escola pública?

Essas respostas vieram antes mesmo que eu me perguntasse, pois ao ingressar na Especialização de Docência em Educação Infantil na UFBA, mal sabia que ali estavam minhas respostas e assim foi. A cada componente estudado aprofundava as formações que mediava na Escola Infantil Apito e me sentia preparada para atuar. O Professor Pinduca trouxe o conteúdo da arte plástica, bem como uma didática própria de vivenciá-las com as crianças. Neste processo descobrimos acertos e alguns erros na prática com arte na educação Infantil. Dentre os acertos da minha prática e de algumas colegas de escola e da rede municipal de ensino de Camaçari/Ba, está o trabalho com as diversas linguagens, o respeito pelo desenho, pelo traço infantil, a organização

do trabalho da criança, que posteriormente se tornará uma ambientação na escola, numa atitude de valorização e respeito pelo trabalho da criança e não um “embelezar” a escola com desenhos prontos e feitos pelo adulto e claro, não usar a arte como ferramenta para as outras áreas de conhecimentos, o eixos da arte já praticávamos nas vivências com a arte de forma corriqueira e sabendo o porquê.

Perceber alguns erros da prática foi emocionante, pois aprendemos, chegando a dar um frio na barriga, entre eles: Que não devemos escrever em cima do desenho da criança e no que ela queria expressar no seu desenho, pois a escrita chama mais atenção e se o objetivo é expressão através do desenho, a escrita deve vir em segundo lugar, pequenina e fora do desenho. Não escolher as obras de arte para releituras pela sua “famosidade” e sim pela proximidade com o traçado da criança. Aprendemos que assim como a escrita, o desenho também tem níveis, compreender e entender esses saberes é importante para uma prática cada vez mais verdadeira com as crianças e conosco.

E assim fui me construindo como professora pesquisadora, porém ainda não me dava conta disso. Seguindo com os estudos, o Componente de Infâncias e crianças na cultura contemporânea e nas Políticas de educação Infantil: Diretrizes Nacionais e Contextos Municipais com a Professora Marlene Oliveira nos convidou a ampliar nosso olhar para a infância, para a Educação Infantil e as Políticas Públicas que as sustentam e percebemos que há grandes equívocos e dualidades nos conceitos de criança e infância e que a luta por uma educação Infantil que respeite as especificidade de cada criança e suas necessidades primárias, sua cultura, ainda está só começando e que os professores precisam compreender o que é a infância e crianças? E que conceito de criança defendemos na sala de aula e no momento em que contribuimos ou não na elaboração dos documentos norteadores das práticas pedagógicas. E mais importante ainda, se o lemos e o que fazemos com essas leituras. Infelizmente não me fiz muito presente no decorrer desta disciplina, pois uma tragédia familiar me acometeu neste período o que me afastou das aulas e quando lá estava, não tinha concentração e/ou capacidade para discutir, interagir com os colegas e professores a cerca do componente, prova disso minha nota no histórico escolar deste componente. Neste momento

minha vida pessoal se modificava completamente, principalmente a familiar, perdas para todos os lados que eu olhasse, achava que a maior perda já tinha vivido, a perda da minha mãe, mas nada se comparou a forma como perdi meu sobrinho Alef e as consequências disso na minha vida pessoal, profissional e estudantil.

Com tudo isso acima, colocando um pouco a dor de lado quando era possível, segui no processo de construção de uma identidade pedagógica e com o componente Metodologia da Pesquisa, pude refletir mais sobre minha prática e meu real interesse de pesquisa. Os estudos sobre a Metodologia da Pesquisa em Educação Infantil com a professora Maria Elisa Pacheco não foram totalmente exitosos, sendo a maioria das vezes a aprendizagem realizada mais nas aulas da ACPD do que na aula da professora.

As atividades solicitadas pela professora Maria Elisa Pacheco foram riquíssimas, a primeira foi o inventário, o qual não entendi no primeiro momento, fiz, apresentei a professora Maria Elisa Pacheco, a mesma disse que esse era o caminho, porém estava incompleto. Depois de um tempo refiz e até hoje não tenho a devolutiva se estava certo ou errado, porém pude revisitar como se dava o cotidiano e os porquês de algumas práticas e defender cada ação desse inventário ou não. Uma atividade muito prazerosa e que contribuiu de forma significativa com meu aprendizado sobre meu tema de pesquisa foi o estado da arte, pois aprofundei minha temática, e pude perceber que pouco se tem sobre a escuta das crianças e que dessa escuta nasce um novo currículo na escola.

Logo após essa atividade fomos convidadas a escrever nosso projeto de pesquisa, pra mim não foi difícil, porém necessitei estudar e de mediações para construir minha metodologia. Com ajuda da professora Ana Paula e com a leitura do livro a Etnopesquisa Critica, do Dr. Professor Roberto Sidney Macedo fui elucidando algumas dúvidas.

O Dr. Professor Roberto Sidney nos deu a honra de ser nosso professor no componente Currículo, o que agregou em muito esta pesquisa e o tema, confirmando até a importância deste tema e desta problemática. As leituras dos seus livros Infâncias, Devir e Currículo e Pesquisar a Experiência, nos ajudou a ver a pesquisa como um fazer cotidiano da educadora, porém que necessita disciplina e estudo e que construir currículo na Educação Infantil

exige ouvir os atores sociais curriculantes, ver os acontecimentos como ato de currículo considerando a inter criticidade e compreender acima de tudo que podemos tanto influenciar na transformação nas macropolíticas, quanto nas pedagógicas. Esse componente foi sem dúvida o maior fomentador e contribuinte desta pesquisa, me confirmando o caminho a trilhar e a necessidade deste caminhar e me empoderou de ferramentas para a construção teórica e prática desta pesquisa.

O processo desta pesquisa se mistura com a minha formação profissional na rede pública de Camaçari, às vezes não sei quem alimenta mais, se minha prática alimenta a pesquisa ou se é a pesquisa que alimenta minha prática, percebo que está muito entrelaçado esse caminho estudantil e profissional.

O componente Natureza e Cultura: Conhecimentos e Saberes, me proporcionou um mergulho nas minhas falas e mediações corriqueiras da prática docente, pois, o tempo todo nos convidava a relembrar dos nossos atos, vivências com as crianças e nos subsidiava numa melhoria desse fazer docente. A cada passo dado, percebemos o quanto ainda temos a aprender e praticar, estamos assim como antes, nos formando no ato da docência, porém nos aperfeiçoando mais e buscando respostas junto com os professores, e melhor nos tornando pesquisadores da nossa prática pedagógica, e com muito mais consciência da importância das nossas escolhas na sala de aula. Importante salientar ainda, que nesses estudos estamos nos transformando junto com as crianças.

O componente Linguagem oral e Escrita somatizou ainda mais nas minhas inquietações e desejos nesta pesquisa. A professora Juliana nos sensibiliza a rever nosso modo de documentar, aprimora nosso olhar e nossa escuta, ela nos faz ler mais, nos questiona, nos desafia e faz mais uma vez confirmar minha pesquisa na múltiplas narrativas infantis, bem como a contribuição da mesma na construção da proposta pedagógica da Creche Santa Maria. Nos fez brincar, nos fez relembrar as falas das crianças e o quanto de sabedoria e ao mesmo tempo de inocência tem nessas falas e o quanto de potencialidade tem na leitura dessas narrativas.

A oficina de Brinquedos e brincadeiras com a professora Leila nos alerta sobre o brincar, brincar esse como força motriz das crianças, que não há aprendizagem na educação infantil que não seja no brincar. E nesse momento

brincamos muito, reconhecemos que o modo como vivemos nossa infância reverbera no modo como nos relacionamos com as crianças e no nosso modo de ser professora da Educação Infantil.

Durante todo esse percurso da Especialização em Docência na Educação Infantil, pude perceber que uma boa docente na educação infantil, se faz com delicadeza, poesia, estudo, disciplina, amorosidade, brincadeiras, vivência na natureza, arte, leituras, literatura infantil, brinquedos, ética, estética, resgate da cultura e acima de tudo pesquisa, pesquisa de si mesmo, do seu fazer. É esse meu propósito lá no início desta introdução, responder: Como as múltiplas narrativas infantis podem contribuir na construção da proposta pedagógica da Creche Santa Maria? E para responder a essa problemática irei me debruçar no aprofundamento teórico sobre a escuta infantil e buscar construir estratégias criativas para escutar e transpor essas narrativas em uma prática pedagógica consciente e que respeite toda potencialidade da criança.

Neste sentido esta pesquisa está dividida em 5 capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “Primeiros Passos” objetiva problematizar e apresentar a origem do Objeto de Pesquisa, minhas implicações pessoais e profissionais, os objetivos e a justificativa da escolha desse tema. No segundo capítulo: “As Narrativas Infantis e Pedagogia da Escuta: Reconstruindo a prática” conceitua e descreve a pedagogia da escuta, as narrativas infantis e suas implicações na construção de uma nova da prática pedagógica e nos faz refletir sobre o escutar, a sensibilidade docente, o papel do docente perante essas narrativas infantis, bem como buscando a fundamentação a luz dos teóricos e pedagogistas da escuta e da pedagogia da infância. O terceiro capítulo intitulado “Caminhos percorridos” descreve a trajetória realizada, as escolhas metodológicas para responder ao problema da pesquisa, os instrumentos, métodos e sujeitos envolvidos, trazendo acima de tudo algumas considerações dos achados neste percurso. O quarto capítulo: “Na escuta do outro, me refaço”, trago as narrativas das crianças, e as reflexões a cerca da contribuição destas narrativas no processo de ensino e aprendizagem na Creche Santa Maria, bem como fundamentando teoricamente essas reflexões e experiências em que essas narrativas foram produzidas. No quinto capítulo: “Refazendo-se agora e sempre” trago as conclusões acerca da problemática e reflexões da construção de uma nova prática pedagógica baseada na

pesquisa/ação/pesquisa, de uma professora-pesquisadora que encontrou não respostas, mas inúmeras perguntas, através das múltiplas narrativas infantis e que compartilhará com sua comunidade escolar suas inquietações e por que não algumas pequenas certezas? Ensinar somente não é preciso, pesquisar, escutar, observar, dialogar, refletir, projetar, documentar é preciso!

## **2 AS NARRATIVAS INFANTIS E PEDAGOGIA DA ESCUTA: RECONSTRUINDO A PRÁTICA.**

A criança é um sujeito de direitos, cognoscente, capaz, potente e acima de tudo criativa. Ser esse que precisa ser escutado dentro e fora da escola, essa última por sua vez tendo um papel essencial no processo de oportunizar as falas das crianças, bem como essas falas serem escutadas e respeitadas. Pois acredita-se que a escola deva ser um local privilegiado para as práticas democráticas, prática e discurso esses defendidos por Freire (1996).

Há atualmente a necessidade das escolas, reelaborarem suas propostas pedagógicas, bem como seu currículo incluindo toda comunidade escolar. Neste sentido faz-se necessário ouvir as vozes dos mais interessados: os educandos. A escola é a agente direta e dinamizadora de toda ação educativa e ela não pode agir em direção de certos objetivos, sem o plano estruturado e organizado, a partir de princípios, para o desenvolvimento do processo educativo. Freire (1996), percebe a escola como um ambiente favorável à aprendizagem significativa, onde a relação professor-aluno acontece sempre com diálogo, valorizando o respeito mútuo.

Malaguzzi (1999) enfatiza: A Escola precisa ser um espaço para todas as crianças. Não deve se basear na ideia de que todas são iguais, mas que todas são diferentes. Tanto Freire quanto Malaguzzi, nos ajuda a refletir e confirmar que o espaço escolar precisa estar dialogando com todos os seus atores, a prática pedagógica necessita dessa ação. Para pensar a proposta pedagógica de uma Creche ou CIEI é importante para todos aqueles que fazem parte da escola: crianças, professores, merendeiras, supervisores, esteja envolvidos no processo e a fala de todos respeitada e inserida no contexto escolar, principalmente as falas das crianças.

Neste sentido, Rinaldi (2013) afirma que nossa prática deve está baseada não no que os docentes desejam ensinar, mas sim no que a criança deseja aprender. Para isso faz necessário um docente que tenha uma escuta sensível e uma formação arraigada nos princípios pedagógicos sociointeracionista de Vygotsky, segundo o qual o desenvolvimento humano se dá em relação nas trocas entre parceiros sociais, através de processos de interação e mediação. Arrisco ainda em dizer que não há sociointeracionismo sem a escuta. Vygotsky

(1987, p. 21 apud OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007, p. 223) define: “qualquer função psicológica superior foi externa (e) social antes de ser interna”.

A escuta na prática pedagógica é base para um processo de ensino e aprendizagem rico em significado e sentido, a criança é posta como criadora e não mera memorizadora e reprodutora de conteúdos e conceitos. Na abordagem de Reggio Emilia que traz na sua prática pedagógica a criança como centro das ações, as cem ou mais linguagens como expressão das crianças, a documentação, como instrumento da visibilidade das aprendizagens das crianças e elemento essencial para as projeções diárias, o ateliê como metáfora da criatividade e a pedagogia da escuta como uma premissa que permeia todas as outras ações citadas acima. A prática pedagógica em Reggio Emilia traz ainda inúmeras especificidades ricas e profundas no seu cotidiano, porém destacamos a pedagogia da escuta porque permite que todas as outras se tornem inéditas de verdade, permitindo ainda o diálogo, a troca, o aprendizado com todos os envolvidos. Escutar é um verbo que implica atividade e reciprocidade- escutar e ser escutado. (Oliveira-Formosinho, 2013, p. 127).

Faz-se necessário ouvir não só o dito, mas as múltiplas formas de expressão que as crianças buscam de se fazerem entendidas. Porém, em alguns espaços escolares, o silêncio é autoritário, ou seja, como regra fundamental para uma possível aprendizagem. Contudo, o silêncio infantil diz muito, seus corpos, suas mãos narram o que verdadeiramente querem: expandir das mais variadas formas e linguagens, criar nem que seja dentro de si, usando sua imaginação, mesmo quando ela não é estimulada a existir. Neste sentido, cabe cada vez mais uma prática baseada no diálogo, na expressão das diversas linguagens, fomentando assim a sensibilidade, a criatividade, o fortalecimento das relações e acima de tudo crença no outro. FREIRE (1996, p. 62), afirma, “(...) de nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade, mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre”.

Nesse sentido, Conceição (2012), evidencia que:

As crianças, na sua singularidade, interagem de forma única com o mundo, procurando compreendê-lo. Nesse processo utilizam as mais

diversas linguagens, desempenhando a capacidade que possuem de questionar sobre o que pretendem descobrir (p. 137).

As narrativas infantis são mensagens cheias de sentidos concretos, a escuta se coloca neste sentido como algo a ser construído e constituído no dia-a-dia do professor, buscando compreender os enredos infantis e se fazer como um ser ouvinte e ativo na relação com a criança. Não é meramente ouvir, é agir, mediando os saberes infantis e as possibilidades de criação e vida na escola. “Escutar as crianças significa, ainda, observar-documentar-interpretar” (RINALDI, 1998, apud OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2013, p. 128).

## 2.1. INFÂNCIA E NARRATIVAS

A concepção de criança nasce a partir do nascimento da imprensa (1429), onde há uma separação do que é ser adulto e ser criança. Nasce antes a ideia de escolarização e a necessidade de educar para ser adulto. Porém, a criança apareceu antes em vários momentos da história, desde a antiguidade, mas não com a particularidade infantil estabelecido na idade moderna. A partir da revolução francesa os direitos das crianças são reivindicados e elas são vistas como sujeitos. Com a revolução industrial, e o surgimento das fábricas, o trabalho infantil surge como um complemento à renda familiar, porém é logo proibido pela sociedade. “A infância é um discurso histórico cuja significação está consignada ao seu contexto e as variáveis de contexto”. (KUHLMANN JR.;FERNANDES, 2014, P. 23).

Etimologicamente, a palavra "**infância**" tem origem no latim *infantia*, do verbo *fari* = falar, onde *fan* = falante e *in* constitui a negação do verbo. Portanto, *infans* refere-se ao indivíduo que ainda não é capaz de falar. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, a criança é a pessoa que tem entre 0 a 11 anos e 11 meses de idade. No conceito de Infância há uma marcação cultural, história, social, política, porém o conceito de criança que estatuto traz é a partir de faixa etária. Já as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil- DCNEI conceitua criança como sendo um sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de

diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. (DCNEI, 2013, p. 86).

A ideia de infância no ocidente nasce entre os séculos XIII e XVII, a sociedade começa a se interessar pelo ser criança, pelas suas singularidades. O que é de adulto agora já não pode ser vivido pela criança, tendo a criança um lugar próprio na sociedade. O conceito de infância é construído culturalmente em cada sociedade, a depender da economia local, da política, e claro da visão pedagógica da comunidade. De acordo com Sarmiento (2007, p. 25 apud PRADO; MIGUEL, 2013, p. 05):

A infância tem sofrido um processo idêntico de ocultação. Esse processo decorre das concepções historicamente construídas sobre as crianças e dos modos como elas foram inscritas em imagens sociais que tanto esclarecem sobre seus produtores [...], quanto ocultam a realidade dos mundos sociais e culturais da criança, na complexidade da sua existência social.

Neste sentido, Sarmiento e Cerisara (2002, p.10), afirma que a “infância está em processo de mudança, mas mantém-se como categoria social, com características próprias”. Um ser em desenvolvimento e em plena atividade de aprendizado, capaz de interagir e construir cultura e contribuir para o desenvolvimento da sociedade em que está inserida. Porém faz-se necessário que o adulto a sua volta tenha clareza dessas competências e habilidades, se não tratará como no conceito de um ser onde lhe é negado à fala.

A criança não é, por natureza, herdeira e nem inovadora. Sua personalidade se constrói sob a influência dos adultos e da sociedade, a criança não pode dispensá-los, mas por esta razão mesma, não pode, ao mesmo tempo, deixar de querer dispensá-los, e é inevitavelmente levada a rejeitar algumas dessas influências. (CHARLOT, 2013, p.167).

A ideia de liberdade e dependência da criança é construída no processo de entendimento de todos sobre suas potencialidades e limites, pois as mesmas dizem para os adultos até onde eles podem interferir ou não. Entretanto, não é uma tarefa fácil, visto que escutar as narrativas infantis ainda é uma construção atual.

Esses conceitos e dualidades sobre a criança é vistas nas demais áreas de conhecimento a depender da sua visão mais tradicional ou contemporânea.

Essas definições sobre a infância nos impulsiona a questionar sempre sobre nossa atuação profissional perante essas infâncias e crianças, se nós estamos respeitando seus traços, características, antagonismo e se estamos pautadas por uma concepção de mundo, de sociedade que veja a criança como um sujeito de direitos e que façamos esta análise e comecemos defender a cultura da infância principalmente na nossa prática de sala de aula e nas relações com as demais crianças do nosso cotidiano.

## 2.2. A PEDAGOGIA DA ESCUTA E A DOCUMENTAÇÃO

Nesta perspectiva, na pedagogia da escuta a prática pedagógica vai se construindo na interação diária da criança com o professor e a comunidade escolar em volta, pois na pedagogia da escuta, a interação da criança com o entorno é fundamental para a expansão da criação infantil e constituição da autonomia das crianças.

A escuta dota de dignidade tanto do professor como as crianças. Não há nada de mais digno para um professor do que se sentir aluno. E não há nada mais digno para a criança do que ser escutada e apreciada sem ser julgada. Porém, a escuta, para Loris, não pode ser convertida em moda ou mera anedota. Significa, como responsabilidade ética, estar disposto a transformar a prática educativa como consequência da própria escuta. (HOYELOS, 2009, apud OLIVEIRA, 2011, p.154).

Não há outra forma de verdadeiramente escutar sem se transformar, a escuta das crianças nos coloca num lugar de empoderamento, mas só conseguimos isso, se permitirmos que não seja uma tradução do ser adulto, mas que esse adulto revise sua criança interior, e busque ouvir com os ouvidos das crianças, e não com certezas, mas com possibilidades de várias incertezas e das perguntas.

A caminhada para a transformação da prática pedagógica nos faz esvaziar nossas “caixinhas de saberes”, para poder preencher com novas ideias. A escuta nos proporciona uma contextualização do inédito, sendo esse sempre expressado pela criança, que narra de forma simples, suas necessidades reais de aprendizagens e não as nossas para com elas.

Faz-se urgente reexaminarmos enquanto educadores os motivos das nossas práticas, com quem dialogamos ao planejar as atividades e experiências? Estamos conversando nas mais diversas formas com quem mais interessa: As crianças? Se não, por quê? Precisamos revisitar nossos conceitos de educando, criança e principalmente do professor na educação infantil. Estamos nos reinventando no espaço educativo?

Neste sentido, Freire chama nossa atenção para nosso reinventar, de cada dia; “gosto de gente porque inacabado sei que sou um ser condicionado, mas, conscientes de inacabado, sei que posso ir mais além dele” (1996, p.53). A história nos condicionou a uma educação infantil transmissiva e assistencialista, porém hoje as DCNEI nos orienta para outra prática:

As práticas pedagógicas devem ocorrer de modo a não fragmentar a criança nas suas possibilidades de viver experiências, na sua compreensão do mundo feita pela totalidade de seus sentidos, no conhecimento que constrói na relação intrínseca entre razão e emoção, expressão corporal e verbal, experimentação prática e elaboração conceitual. Um bom planejamento das atividades educativas favorece a formação de competências para a criança aprender a cuidar de si. No entanto, na perspectiva que integra o cuidado, educar não é apenas isto. Educar cuidando inclui acolher, garantir a segurança, mas também alimentar a curiosidade, a ludicidade e a expressividade infantis (DCNEI, 2013, p.89).

E no decorrer das formações pedagógicas dos professores, coordenadores, gestores já ouvimos, lemos e debatemos acerca de tudo que preconiza o DCNEI, porém na prática cotidiana não conseguimos exercer nossas narrativas dos encontros pedagógicos. Dewey já expressava seu compromisso com a cultura do seu tempo e com a necessidade de readaptarmos se preciso nosso processo de ensino:

(...) nem restauração do passado e nem imposição do futuro ainda inexistente. Mas revigoração de tudo do passado que ainda for útil e operante e readaptação de tudo que for novo e eficaz, em uma contextura que não será integralmente nova porque integralmente viva e orgânica. (DEWEY, 1959 apud OLIVEIRA-FORMOSINHO, KISHIMOTO, PINAZZA, 2007).

Pensar a criança como orgânica, viva, cognoscente, é vê-la capaz e de juntos com ela, construir um caminho de ensino e aprendizagem também vivo, coletivo, plural e perceber ainda nessas crianças suas idiossincrasias, não só

do ser criança, mas dos várias ser crianças. Cada educando traz consigo sua história, sua cultura, suas competências e habilidades próprias, que às vezes independe da idade, é algo que é constitutivo de suas experiências anteriores a escola ou aquele momento.

Rinaldi (2012) nos comunica que aquilo que pensamos sobre as crianças se torna, então, um fator determinante na definição de sua identidade ética, e social, de seus direitos e dos contextos educacionais que lhe são oferecidos. Por isso que é essencial escutar as crianças na sua totalidade de ser criança, sem preconceitos ou julgamentos.

É pertinente cada vez mais pesquisarmos nossas relações no processo de ensino e aprendizagem, e fazer valer as narrativas infantis dentro e fora da escola, porém é no cotidiano escolar que as vozes infantis precisam ser mais respeitadas e ser ponto de pauta dos planejamentos dos docentes infantis. O papel do professor é central, pois a depender do contexto, se propicio, as crianças expressarão suas aptidões, seus conceitos sobre tudo, pois elas criam hipóteses sobre o seu meio, podem até começar com um não sei...mas depois, quando vê o encorajamento e a crença que o professor tem nela, sua fala cresce, sua atuação é brilhante e acentuada.

Quando os relacionamentos constituem a base da pedagogia, a comunicação é considerada um elemento fundamental para as aprendizagens infantis. A criança não é vista como um receptor passivo, mas sim desafiada, em diferentes contextos, a explicitar suas percepções e experiências por meios de diferentes linguagens OLIVEIRA (2011).

Nesta perspectiva, a sensibilidade do professor necessita emergir, não há pedagogia da escuta sem os sentidos colocados na mesa, sem a sensibilidade para acolher o outro, e sendo esse outro com uma história de negação da sua fala, infância (do latim IN (não) FANCIA (capacidade da fala). Escutar nos faz conectar com o outro nos faz estar com esse outro, numa relação horizontal e de serviço, buscando sentir esse outro (Rinaldi, 2012,). Neste sentido, Dussel (1977, p. 23), conceitua essa relação de proximidade sendo um agir para e como o outro, (...) e abraçar no amor e na realidade desejanse de alguém, próxima.

As narrativas infantis são carregadas de vida, de sentimentos, de identidade e aprendizado. As crianças nos relatam não só suas inquietações, mas nos relatam elas mesmas, nos apresenta seu mundo, sua sacralidade. Por isso não podemos negar a reflexão das suas narrativas e nem mesmo desperdiçar esse momento rico em ensinamento do que se deve ser mediado na sala de aula ou mesmo na vida, que para as crianças não tem diferença.

Macedo (2004, p. 57) nos presenteia dizendo que “conhecer como o outro experimenta a vida, faz-se necessário sairmos de nós mesmo”. E é esta a proposta desta pesquisa, buscar no outro, na fala do outro um novo jeito de ser professora, uma nova prática pedagógica baseada no que esse outro, esse próximo deseja, sair de mim e ir ao encontro do outro, do meu educando.

Esse encontro entre as narrativas infantis e a pedagogia da escuta, somatiza emoção, não como algo pejorativo, mas algo vivo, rico em intencionalidade pedagógica, em transgressão do objetivismo da pedagogia tecnicista e comercial, mas acima de tudo, escuta como fonte de inspiração para uma ação pedagógica inédita a cada dia, pois é baseada numa fala inédita também, é carregada de sentidos para o grupo falante e ouvinte. Escuta, portanto, como um “contexto de escuta”, em que se aprende a ouvir e narrar, em que indivíduos sentem legitimidade para representar suas teorias e oferecer as próprias interpretações de uma questão particular. (Rinaldi, 2012, p.125).

Para tudo isso ser visto e mensurável faz se necessário uma prática pedagógica que registre, que evidencie como essas narrativas são fontes inspiradoras para a prática, que demonstre as potencialidades dessas crianças criadoras, construtoras de conhecimento e de cultura. Nesta perspectiva, o professor é estimulador de novas descobertas, pois seus registros, sua documentação trará a tona não respostas, mas apontamentos para novos caminhos, para novos contextos.

Refletir usando a documentação enraíza e estabiliza as aprendizagens, descobre erros, motiva para ultrapassar, identifica conquistas e celebra-as, identifica dificuldades e compreende-as, motiva para uma dinâmica de resolução de problemas, promove relações e promove a metacognição. (AZEVEDO; OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2008, apud OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2013, P.51-52).

A documentação amplia e potencializa as narrativas infantis, bem como se concretiza como o instrumento de avaliação, alimentação, formação da prática do professor na pedagogia da escuta e como uma forma democrática de avaliação e reflexão, pois inclui a criança neste olhar do processo de ensino e aprendizagem.

(...) torna visível, ao menos em parte, a natureza dos processos e estratégias de aprendizagem utilizados pela criança. Isso significa que o professor e, acima de tudo, as próprias crianças podem refletir sobre a natureza do processo de aprendizagem enquanto estão aprendendo; isto é enquanto estão construindo conhecimento (RINALDI 2012, p. 185).

Neste sentido, a documentação faz com que o processo de ensino e aprendizagem extrapole a leitura bilateral, ela convida para uma leitura de 360°, pois permite além das crianças e professores a leitura também dos pais e da comunidade em torno. Constrói-se uma comunidade de aprendizagem, que corrobora no processo de construção de conhecimento das crianças e da própria escola.

Aquilo que documentamos (e, portanto, fazemos existir) é um senso de busca que crianças e adultos fazem junto pelo significado da vida. É um senso poético e tocante, que somente uma linguagem poética, metafórica e analógica pode construir em sua plenitude holística. (RINALDI 2012, p.185-186).

É uma mudança de foco ao documentar, é mais que juntar fotos, registros, vídeos e atividades, é investigar através das múltiplas narrativas, agora não só infantil, mas também ter uma escuta seletiva na busca do essencial, do que é preciso se tornar visível naquele momento, com beleza, poesia e ética.

### 3 CAMINHOS PECORRIDOS

#### 3.1 METÓDO E TIPO DE PESQUISA

Para trilhar esse caminho optamos pela Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial. Por ser um estudo voltado para o social, que tem as pessoas como objeto de pesquisa, o etnopesquisador “não considera os sujeitos de estudo um produto descartável de valor meramente utilitarista” (MACEDO, 2004, p. 30). Ao contrario, percebe esses sujeitos como um colaborador direto para o aprendizado do etnopesquisador, que bebe de forma direta e participativa nas narrativas dos sujeitos do estudo.

A etnopesquisa segundo Macedo (2004) não seria outra coisa senão uma pesquisa ao mesmo tempo enraizada no sujeito observador e no sujeito observado. Enraizada no sentido etnológico, o de dar conta das raízes, das ligações que dão sentido tanto a um quanto a outro.

Neste sentido, a pesquisa na etnopesquisa é plural nos sentido do objeto pesquisado, pois ao observador ativo pesquisar seu objeto, ele está se e pesquisando. E este é o objetivo principal desta pesquisa, juntamente com os sujeitos encontrar respostas para uma prática docente qualificada e que respeite as narrativas infantis.

O valor relevância coloca o pesquisador numa relação íntima com o mundo que é o objeto da investigação. Como seres humanos que pesquisam os significados das ações sociais de outros seres humanos, os pesquisadores são ao mesmo tempo sujeito e objeto de suas próprias pesquisas. (SANTOS-FILHO, 1967, p. 31)

Compreendendo a relação estabelecida entre o professor da Educação Infantil com as crianças, a pesquisa realizada não poderia ter outro tipo de abordagem metodológica, pois ambas, professora e crianças, estão imbricadas a cada ação na escola e fora dela também. Pois as reflexões das ações do educador durante a pesquisa sempre são repensadas a partir do ponto das narrativas das crianças, que foram estimuladas pela educadora, que projeta, documenta, analisa e reprojeta sempre com um olhar para as crianças e avaliando sua prática pedagógica.

### 3.2. CAMPO DE PESQUISA

Houve no processo desta pesquisa duas escolas que se tornaram o campo de pesquisa: O Centro Integrado de Educação Infantil Parque Real Serra Verde- CIEI, localizado no bairro Parque Real Serra Verde em Camaçari. Uma Escola nova, vista que no período só tinha 03 meses de inaugurada e foi chave para definição do tema, visto que sua proposta pedagógica está em fase de construção e sua gestão tinha e tem como meta ouvir as crianças na formulação da prática pedagógica da escola. O que de certa forma casou com o desejo da professora pesquisadora de reinventar seu processo de ensino e aprendizagem. A equipe do Ciei foi informada do processo da pesquisa deste o primeiro momento, inclusive o tema foi discutido.

O Ciei Parque Real Serra Verde possui 4 salas de aula, porém só 03 salas são utilizadas, devido ao baixo número de matrículas, pois as mesmas se iniciaram em fevereiro, 05 banheiros, 01 cozinha, 01 recepção, 01 secretaria, 01 sala de professores, 01 biblioteca, 01 sala de reunião, 01 diretoria, 01 refeitório, O quadro de funcionários é composto por 03 professoras, 01 cozinheira, 01 gestora-coordenadora, 02 serviços gerais e 01 vigilante.

O Ciei Parque Real Serra Verde atendia durante a pesquisa 67 crianças divididas entre os grupos 03, 04 e 05, nos turnos matutino e vespertino. Como a escola era nova, seu quantitativo de crianças ainda não era suficiente para compor uma turma de educação Infantil do grupo 05, mesmo se juntasse manhã e tarde. A presente professora pesquisadora só tinha 10 crianças matriculadas no grupo 05, o que exigiu da direção da escola juntar os Grupos 04 e 05 e a professora pesquisadora foi direcionada para outra escola do município, a Creche Santa Maria.

Na Creche Santa Maria, percebe-se que não há uma proposta pedagógica clara e as práticas pedagógicas dos professores são diversas, cada sala possui forma própria, porém todas as professoras estudam na busca de ofertar um ensino/aprendizagem de qualidade. Toda essa mudança foi relatada à coordenação do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, bem como as professoras da Análise Crítica da Prática Pedagógica - ACPP. No encontro com a gestora da Escola a professora pesquisadora

informou sobre a pesquisa em curso e seus desdobramentos. Logo na primeira reunião com a equipe da escola todos foram informados da presente pesquisa.

A Creche Santa Maria está localizada no Bairro da Gleba H, na cidade de Camacari/Ba, atendendo aproximadamente 120 crianças da Educação Infantil, na faixa etária de 03 até 05 anos. A referida escola possui: 06 salas de aula, 01 cozinha, 01 diretoria que também funciona como secretaria, um depósito de alimentos, 01 banheiro para adultos e 02 para crianças com 03 espaços com vasos sanitários individuais e local para chuveiro, 01 brinquedoteca, 01 parque, 01 quadra de areia e 01 sala dos professores.

O corpo profissional é formado por: 06 professoras, 2 merendeira, 3 serviços gerais, 01 gestora, 01 secretária, 01 coordenadora pedagógica, 03 assistente de classe e 02 guardetes. Trata-se de uma escola de porte pequeno, atendendo a uma comunidade de baixa renda, a escola fica em frente ao maior cemitério da cidade.

A escolha dessa escola ocorreu considerando que sou professora dessa unidade escolar, visto que esta pesquisa se dá na prática docente. A Creche tem como característica principal uma equipe de educadores e assistentes de classes novos, exceto uma professora que já está a 2 anos da sua aposentadoria, e comprometidos no oferecimento de uma educação de qualidade, um grupo de profissionais que estudam e querem aprimorar sua prática.

### 3.3 SUJEITOS

Os sujeitos da pesquisa foram as crianças, a professora, a gestão, coordenação da escola, a qual o diálogo foi sempre recorrente.

Na medida em que a criança não é vista apenas como um objeto a ser conhecido, a relação que se estabelece com ela, no contexto da pesquisa, começa a ser orientada e organizada a partir dessa visão. (...) colocando-a como parceira do adulto-pesquisador, na busca de uma permanente e mais profunda compreensão da experiência humana. (SOUZA; CASTRO, 2008, p. 53).

As famílias das crianças, bem como as crianças foram informadas sobre a presente pesquisa, todas as famílias deram sua autorização para a

participação das crianças, a utilização das narrativas das crianças, bem como a imagem em fotos e vídeos. Todo processo se deu, numa busca ativa pela aprendizagem bilateral, que de outra forma não seria possível.

O outro fala e pensa, meu objeto, portanto, não fala e pensa como eu. Se não, não seria meu objeto. Mas devo falar e pensar como ele, pois eu digo e penso algumas coisas, na verdade, daquilo que ele diz e pensa. Se não, não seria meu objeto. (BOREL, 1992:8-9 apud MACEDO, 2004, P.54).

A pesquisa foi realizada com 2 grupos de crianças e de escolas diferentes, sendo o primeiro no Centro Integrado de Educação Infantil Pomar Encantado, no qual havia 10 crianças de 05 anos de idade, este Centro Integrado de Educação Infantil - Ciee está localizado em um loteamento que fica distante do centro da cidade, as crianças residem nesta localidade e em um bairro vizinho chamado Machadinho. As crianças na sua maioria nunca haviam estudado, exceto 02 crianças que frequentou uma escola particular pequena do bairro.

Uma das crianças deste grupo 05 é a 8ª filha de uma família em situação de risco social, outra criança vivia entre a cidade de Camaçari e de Cadeias por necessidades da mãe trabalhar, outra faltava bastante, pois a mãe se dividia entre a sede do município (centro) e o Loteamento Parque Real Serra Verde, o que é consideravelmente distante, uma outra criança presenciava sua mãe ser espancada pelo pai e sempre narrava na roda essa situação, a qual era acolhida pelo grupo e sua mãe no final do dia confirmou e acabou revelando que esperava o 4º filho deste homem. Recebi ainda no final de maio, uma criança que veio da cidade de Paulo Afonso também com algumas situações conflituosas na família, como a da separação dos pais, a mãe atualmente tem apenas 19 anos e ela não é a única filha. “Fundamental é o fato de que sempre o Ser está empenhado em conhecer, precisa, antes situar-se numa relação significativa com o objeto que lida, deve fazer parte dele” (MACEDO, 2004, p. 45).

Algumas situações dessas crianças me fizeram refletir o quanto o papel do professor está mais complexo nos dias atuais, e que a aprendizagem não depende apenas de um método de ensino e aprendizagem, mas sim de uma postura de acolhimento, ética e compromisso com a criança e com a família a

qual a criança pertence. Sobre isso Macedo (2004, p. 43) acentua: Percebo a educação, portanto, enquanto *cuidado* com o se-do-outro, onde a construção da autonomia cidadã é a finalidade irremediável.

Apesar das várias situações difíceis vividas pelos sujeitos envolvidos na pesquisa, as crianças participantes demonstravam alegria no espaço escolar, queriam aproveitar cada momento da escola, cada brinquedo, cada segundo. Algumas vezes não queriam ir embora deste espaço, que a meu ver se tornou um oásis perante a vida fora da escola. A maioria das situações descritas acima foram relatadas pelas próprias crianças na roda de conversa, no momento do relaxamento ou mesmo nas brincadeiras e confirmadas pelos seus pais nas reuniões e encontros diários no Ciei.

As famílias das crianças mantinham uma relação próxima com a professora, o diálogo com as mesmas eram frequentes, inclusive a apresentação das situações de aprendizagens realizadas no espaço escolar. Famílias essas em situação de vulnerabilidade social, e que estavam nesta localidade em busca de uma vida melhor.

A interação entre as crianças e a professora se deu de forma carinhosa e afetiva, o que favoreceu a realização da pesquisa e das narrativas das crianças serem claras e objetivas.

A pesquisa foi realizada também na Creche Santa Maria no grupo 04 anos de idade, intitulado por eles de Grupo Flores e Cores, pois gostavam muito das cores das flores e de tudo que fosse colorido. Um grupo composto por 20 crianças, sendo 10 meninos e 10 meninas, crianças extremamente doces e expressivas. Importante salientar que comecei com esse grupo no mês de agosto de 2015, pois a professora titular iria tirar licença maternidade. A recepção das crianças foi bastante calorosa e achavam que eu era uma médica, pois há poucos dias atrás uma médica havia visitado eles. Porém, aos poucos o grupo foi entendendo o motivo da minha chegada e a saída da professora Aishá.

As narrativas desta pesquisa se deram com mais ênfase neste grupo de crianças, que aos poucos foram revelando suas expectativas, seus quereres e necessidades para a professora nova que chegava. Essas crianças moravam num bairro periférico de Camaçari, onde se encontra o maior cemitério da

cidade, que fica em frente à Creche Santa Maria. Um bairro extremamente violento e que segundo moradores: é rota de fuga de bandidos.

As crianças são na sua maioria filhos do meio ou caçulas de suas famílias, na maioria famílias cuidadosas com seus filhos e filhas, carinhosas quando vão buscá-las. Dentre essas crianças há as que estão em situações de vulnerabilidade social, uma delas narrou certa vez que a parede da casa estava caindo e que tinha medo da chuva por isso, outra sinalizou que não tinha tomado café em casa e os conflitos familiares eram comuns como: criança morar com avó paterna e a mãe retornar depois de 4 anos para tomá-la e querer usar a escola nessa situação, negação de afeto por parte de uma pai de uma outra criança e a falta de responsabilidade de uma mãe em levar o filho para a escola e o pai não saber de suas ausências, descobrindo isso só no final do ano quando foi levar o filho pela primeira vez na escola.

Assim como na outra escola, os problemas vividos pelas crianças participantes não eram poucos, porém o brilho, a inteligência, a amorosidade eram sempre presentes e são até hoje, pois mantenho relação com a maioria do grupo de crianças, pois ainda estudam na escola, agora no grupo 05 e com outra professora.

Ambos os grupos de crianças me ensinaram muito durante toda pesquisa, me senti privilegiada por estar entre eles e a confiança nessas narrações de vida tanto da parte das crianças quanto das famílias em tão pouco tempo com elas, minha eterna gratidão, pois sei que essa pesquisa não teria tamanha riqueza para minha prática atual pedagógica se não houvesse essa interação valorosa e verdadeira. “O pesquisador esta ligado ao sujeito pesquisado por uma relação dialética entre o seu horizonte conceitual e a experiência do sujeito, onde, através da intersubjetividade, da coexistência, estabelece os resultados”. (Macedo, 2004, p.50).

### 3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, utilizou-se da observação participativa ativa, a roda de conversa, fotografias ou filmagens e o diário de campo, este último sendo o instrumento mais valioso no processo desta pesquisa, pois possibilitou descrever e registrar minuciosamente as falas das crianças e posteriormente

avaliar essas falas fora da situação e das emoções dadas. “Trata-se em geral, de um aprofundamento reflexivo sobre as experiências vividas no campo da pesquisa e na própria elaboração intelectual”. (MACEDO, 2004, p.195).

A roda de conversa foi outro instrumento muito usado na pesquisa, pois o mesmo já faz parte da rotina da escola e já era utilizada pela professora como um momento oportuno da expressão das crianças. A roda de conversa tornou-se um lugar propício para o uso do dispositivo da escuta sensível.

A necessidade de ouvir sensivelmente, no ato do pesquisar, é ao mesmo tempo, um recurso fundamental para os etnopedagogos, considerando suas bases filosóficas e epistemológicas, bem como um dispositivo facilitador para a democratização do saber. MACEDO, (2004, p.199).

Os dados produzidos foram analisados durante todo processo de pesquisa. “É necessário durante a análise dos dados em uma etnopedagogia o exame atento e detalhado das informações coletadas, pois a mesma se transformará em um produto final aberto” (MACEDO, 2004, p. 203). E assim foi, um deleite para a professora pesquisadora, reler e reviver cada palavra narrada pelas crianças, que resultou como produto uma reflexão/ação da prática pedagógica e ao mesmo tempo alimentou o desejo por este tipo de pesquisa como algo do cotidiano da docência e não somente na esfera acadêmica.

As fotografias e as filmagens foram também analisadas pelas crianças, que diziam o que sentiam com suas imagens e falas projetadas. As crianças se sentiram empoderadas e esses dois instrumentos validavam suas falas e ações para si mesmo e claro para a professora pesquisadora, pois foram instrumentos que contribuíram significativamente na construção dos dados da pesquisa e esses dados eram carregados de subjetividade e dos elementos das narrativas infantis. Ir às imagens formadas é uma interiorização que, obviamente, desvela novos atos, novas dimensões de um existir reflexivo (ARANHA, 1995 apud MACEDO, 2004, p. 191).

As crianças envolvidas na pesquisa narraram suas aprendizagens, sentimentos, como a quem faz uma confissão, com verdade e purismo nas palavras, coube a mim, ouvi-las, registrar suas narrativas e me transformar a cada compreensão dessas falas, o que deixou essa pesquisa rica, nessa

relação de contribuição na ação, muitas vezes sem necessidade de análises tão profundas, pois os objetos estudados eram claros e precisos.

A exigência de uma especificidade para ciências humanas conduz a elaboração de um método diferente que permita o tratamento da subjetividade. (SANTOS-FILHO, 1967, p. 293).

Creio que numa pesquisa como essa a subjetividade impera, não por ausência de uma leitura objetiva, que também está presente nesta pesquisa, mas pela inserção um no outro, seja crianças-professora, seja professora-crianças. Houve e há uma ligação entre objeto e pesquisadora, pois ambos se alimentavam um do outro, ambos aprendiam neste processo e ambos se comunicavam com delicadeza, respeito, e amorosidade. Tudo isso refletido numa nova prática, mas intensa, mais intencional e mais comprometida com o outro, não há como não haver transformações depois deste processo.

A inserção no campo de pesquisa e produção de dados foi importante para evidenciar os aspectos referentes à minha própria prática pedagógica. O tratamento, interpretação e análise dos dados/informações através do diário de campo e da transcrição das narrativas e dos registros fotográficos se transformaram na espinha dorsal desta pesquisa, que só teve significado, pois há nela muito das crianças, que foi nosso objeto de pesquisa. “Há que se construir uma relação de confiança recíproca, pouco importando o quanto o pesquisador seja familiar ou não na relação com os sujeitos do estudo” (MACEDO, 2004, p. 148).

Muitas vezes durante a pesquisa percebi que o estudo alimentava minha prática e que minha prática alimentava a pesquisa, essa foi sem dúvida a melhor parte da pesquisa. Creio que isso se deu por ser professora-pesquisadora e porque o foco da pesquisa é a minha prática e o objeto as crianças e às vezes eu mesma. Pesquisei-me, e a cada fala das crianças, a cada devolutiva delas me sentia despida também.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. (FREIRE, 1996, p. 29)

A franqueza das crianças, a beleza nas palavras e às vezes suas narrativas se apresentavam como uma avaliação da prática, não uma avaliação julgadora, punitiva, mas uma avaliação construtiva, que eleva a responsabilidade de quem é avaliado e de quem ouvi essas narrativas, ouvir se torna um comprometimento com transformação e a validação a partir dessas narrativas.

Essa escuta das múltiplas narrativas infantis durante a pesquisa me proporcionou refletir enumeras vezes sobre o ato de educar, a necessidade de ir em busca dos teóricos da educação e da etnopesquisa, pois as crianças reforçava minhas verdades e outras vezes me desafiavam a ir mais. A dúvida por diversas vezes reinou e as literaturas pedagógicas e as aulas na pós-graduação iam me ajudando a caminhar mesmo com as dúvidas e fazer delas alimento para a pesquisa/ação/pesquisa.

É fundamental o entendimento de que o etnopesquisador é parte irremediável da pesquisa. Representante de um segmento que ao longo da história, se quis um construtor de regularidades e leis, o etnopesquisador deve se acostumar a angustia do método, um questionamento constante sobre a pertinência de suas posturas e métodos, da sua visão de mundo, da visão sobre os pesquisados e suas construções,, seus construtos teóricos e epistemológicos. MACEDO (2004,p. 246)

A verdade, a certeza não existe no caminho da pesquisa, ainda mais quando optamos pela etnopesquisa, pois escutamos desde sempre sobre a imparcialidade, a distancia devida do objeto e do pesquisador, algo que não fazemos no processo de pesquisa, sendo um etnopesquisador. A única certeza dessa pesquisa, é que pesquisar se faz cada vez mais necessário no espaço escolar e principalmente no ato de educar na educação infantil. “Pesquise para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a verdade” (FREIRE, 1996, p.29).

#### **4 NA ESCUTA DO OUTRO ME REFAÇO**

A democracia hoje é um dos temas clichês nos mais variados setores da sociedade e na educação não seria diferente. As propostas pedagógicas das escolas de Educação Infantil nem sempre se valeram da democracia e da participação da comunidade escolar para a sua formulação, felizes as escolas que ouviram seus professores, quem dirá as crianças e familiares. Neste sentido faz-se necessário o diálogo cada vez mais profundo sobre a escuta de todos os atores curriculares (pais, educandos, comunidade ao entorno da escola, colaboradores da escola) na construção da proposta pedagógica, seja de um CMEI ou de um currículo da educação infantil e que os mesmos tenha como ator principal as crianças.

Seja em publicações sobre currículo emancipatório da educação infantil ou sobre propostas pedagógicas de sucesso, o que elas tem em comum é a escuta, o diálogo, as relações de troca e aprendizado mútuo, mas o centro das formulações e construções curriculares são as crianças e essas propostas pedagógicas demonstram o quanto as crianças e a comunidade são felizes e humanas nas suas relações dentro e fora da escola. E este é o objetivo da educação, seja ela infantil ou não: a humanização do sujeito.

Desde o início da escrita do Projeto de Pesquisa intitulado: As múltiplas narrativas infantis na construção da proposta pedagógica da Creche Santa Maria (porém antes foram realizados algumas vivências com as crianças do Centro Integrado Educação Infantil Pomar Encantado), todas as experiências educativas realizadas com as crianças eram observado o desejo das mesmas pela atividade, suas falas a cerca do momento vivido e o aprendizado adquirido nestes processos. A cada momento mediado, ambiente preparado e materiais disponibilizados, buscava perceber se havia querência e se essas vivências desafiavam as crianças com prazer e encantamento.

Logo nas primeiras vivências, fui tendo a resposta a cerca do que as crianças queriam aprender e como queriam aprender, percebia que minha pesquisa não era vazia e sem sentido, que era possível a construção de uma prática pedagógica com a participação das crianças e que essa prática não é vazia de saberes, sentido e significado. Percebi quão importante era a escuta

para novas mediações, fui me refazendo educadora a cada dia e as narrativas das crianças me inspiravam nos momentos de planejamento e criação.

#### 4.1 NARRATIVAS DO APRENDIDO

**Contexto do cotidiano destacado:** Estava a turma do grupo 05, no universo de 10 crianças que tem a turma no seu último dia de aula do 1º semestre, pois no dia seguinte já seria a Festa Nordestina. A presente educadora propõe ao grupo uma única pergunta e esta seria a atividade central da manhã: *O que vocês aprenderam aqui no Pomar encantado?* Buscar ouvir as crianças ou estimulá-las a falar pode não ser fácil, mas é necessário quando se busca praticar uma pedagogia da escuta, que às vezes podemos ser diretos como nesse caso, outras vezes ler suas narrativas durante o recreio, nas interações cotidianas na escola ou até mesmo no silêncio.

A escuta não é fácil. Exige aprofunda consciência e suspensão dos nossos julgamentos e, acima de tudo, nossos preconceitos, demanda abertura a mudança (RINALDI, p. 125, 2013). E esse é o grande desejo, a mudança, de um ensino que deságue numa aprendizagem recíproca entre educadora e educandos.

No contexto dessa escuta, busco junto aos educandos legitimar a potencialidade das suas narrativas ao ser uma ouvinte atenta, que visa transpor suas palavras em alimento para sua prática. E abaixo percebe-se que há muita expressão e reconhecimentos que o ensino e aprendizagem ocorreram de forma simultânea e correlata.

**Gabriel Bryan:** - Aprendemos a recitar quadrinha, aprendemos a fazer coisas, a pintar com lápis, com tinta e pincel, aprendemos a música do jacaré, aprendemos a marcar calendário, aprendemos a jogar bola, pular corda e mexer com argila, aprendemos tudo isso.

**Carlos:** - Aprendemos a brincar no balanço, aprendemos o nome, aprendemos música com dança (mexe, mexe), aprendemos a pular da árvore, brincar de fazer comidinha, aprendemos músicas de forró.

**Milena:** - Aprendemos a brincar de boneca, brincar de areia, brincar com água, a música da casinha, aprendi as letras S e E, aprendi a subir na árvore (Carlos me ensinou), aprendemos a respirar.

**Letícia:** - Aprendi a brincar de roda, brincar com Débora (colega do grupo 03), aprendi a conversar

Professora pesquisadora:- E como você conversa agora?

**Letícia:** - Não pode gritar que o ouvido do colega pode ficar doente e a garganta da gente também.

**Professora pesquisadora:-** Você aprendeu o que mais Letícia no Pomar Encantando?

**Letícia:** - Aprendi as letras de todo mundo com aquele negócio (apontando para o cartaz do nome), aprendi a escrever no quadro, aprendi a relaxar, aprendi a fazer pipa, aprendi a fazer números no calendário.

**Gabriel Maciel:** Aprendi a brincar, desenhar, escrever meu nome, fazer coração, fazer quadrado, aprendi a fazer Sol, fogo, aprendemos quadrinha, aprendi a fazer balão, aprendemos musicas, aprendemos danças, aprendi a musica do mestre André, o sapo, a borboletinha, sapo cururu, aprendi a ajudar os colegas pequenos.

**Julia:** - Aprendi a fazer flor, brincar de boneca, aprendemos a fazer o bolo de laranja, aprendemos a fazer bandeirinhas, aprendi as musicas: alecrim, loja do mestre André, sapo na lagoa, casinha, piú, piú abacaxi.

**Ana Clara-** Aprendi a subir nas árvores, a fazer convite, brincar de morto vivo, aprendi a fazer o calendário, aprendi quadrinha, aprendi a dançar forró, aprendi a cantar: canjiquinha de São João, laranja maduras, aprendi a quadrinha laranjeira.

**Davi-** Aprendi a quadrinha da andorinha e da laranja, aprendi a escrever meu nome, aprendi a escrever no quadro, aprendi a pintar e desenhar sozinho.

Essas palavras foram ditas com muito entusiasmo e as lembranças de cada um vinham à tona com a fala do outro e havia ainda um tom solene nas falas deles. Essas narrativas demonstraram também o quanto de aprendizado houve neste grupo, o quanto eles significaram cada mediação feita por mim ou pelo colega da turma, a exemplo de Milena que aprendeu a subir na árvore com Carlos, e no caso de Letícia que ajudou a professora do Grupo 03 com a pequena Débora que chorava muito na escola no início e o cuidado que Letícia teve com ela a fez uma de suas melhores amigas e possuem um relacionamento de cumplicidade. E tantas outras cenas em que o grupo 05 foi convidado e às vezes já se colocavam a ajudar os pequenos do grupo de 03 anos no processo de adaptação. A escuta é um processo de ouvir a crianças sobre a colaboração no processo de coconstrução do conhecimento (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2013).

É perceptível neste contexto de narrativa o empoderamento dessas crianças ao descrever o que elas já sabem, é visível a capacidade de uma análise de si mesmo e de um caminho percorrido em coletivo e que não há só o eu (criança), mas há os vários eus (as outras crianças envolvidas). Há também o ambiente que auxiliou elas nesse processo, e elas afirmam isso quando dizem: Aprendi as letras de todo mundo com aquele negócio, aprendi os nomes dos colegas com aquilo ali (apontando para o cartaz), aprendi a subir nas árvores. Nesta perspectiva denota um envolvimento real e profundo em todo o cotidiano vivido na escola e nas interações ali realizadas, aprendizagem alcançada nas mais diversas dimensões de ensino

## 4.2 RELAXAMENTO

**Contexto do cotidiano destacado:** Quando mudei para a Creche Santa Maria (15 de agosto de 2015), me tornei professora do grupo 04, que possuía um nome: Flores. Eu estava tirando a licença maternidade de uma professora muito querida para esse grupo. Aos poucos fui conquistando o grupo com muita arte, música, dança, meditação e claro que o processo de escuta também era constante, apesar de algumas vezes me perceber falando demais e conduzindo demais o grupo. Porém, essa avaliação logo me veio em mente e

continue o aprofundamento teórico sobre a pedagogia da escuta, buscando criar situações em que as crianças liberassem cada vez mais sua criatividade e expressão.

Dentre essas atividades o relaxamento, meditação, foi e é um dos momentos do cotidiano escolar em que as crianças respiram e ampliam seus sentidos através da observação de uma flor, do cheirar uma fruta, do tocar nas próprias mãos ou fazer uma massagem no colega, do ouvir um som, uma música ou até mesmo as batidas do seu coração.

Educar com cuidado significa aprender a amar sem dependência, desenvolver a sensibilidade humana na relação de cada um consigo, com o outro e com tudo o que existe, com zelo, ante uma situação que requer cautela em busca da formação humana plena (BRASIL, 2013, p.18).

Essas vivências com a respiração, com os sentidos contribuem para um cuidado consigo, a criança percebe que ela possui um corpo, esse corpo tem necessidades. Nesse momento a escola tem um papel importante: educar pra sensibilidade, para a ampliação do sentir, do saborear, do aprender com sentido.

Logo depois de um relaxamento, de uma meditação, que normalmente dura 3 a 4 minutos, a depender do nível de relaxamento do grupo e da concentração das crianças, questionei elas sobre o relaxamento, sobre o que elas achavam desse momento na nossa rotina, o que elas sentiam, era bom fazer aquilo todo dia depois do Parque ou atividades de muito movimento. E algumas falas foram:

**Professora pesquisadora:** - O que vocês sentem quando estão relaxando?

**Quézia:** - Penso em parar lá no céu e ver Jesus.

**Maria Clara:** - Eu sinto meu coração.

**Bárbara:** - Dá uma frescura.

**Adriel:** - Senti o ar no meu nariz e foi bom.

**Ysrael:** - Senti mamãe e papai no coração.

**Micael:-** Sinto o ar na boca.

**Amanda:** -Não sinto nada.

**Julia:-** Eu penso em flores.

**André:** Sinto o vento no meu coração.

**Professora pesquisadora:** vocês gostam de sentir essas coisas?

**Crianças em coro:** Sim!

**Maria clara:-** Acalma meu coração que bate muito forte.

Pude perceber que essa vivência que faz parte do nosso cotidiano escolar é algo que ajuda as crianças a se sentirem e que é uma experiência que possui um sentido e significado pra elas, pois elas refletem sobre ela e senti no corpo esse momento, esse aprendizado. Importante salientar a participação, as falas das crianças, o sentido que deram a esse momento e a individualização de sensações, inclusive a negação dele, como no caso da fala de Amanda:- Não senti nada!

Do mesmo modo que a criança necessita do movimento, ela também necessita da tranquilidade. Em ambos os momentos elas aprendem e podem e devem se expressar, ampliando as possibilidades de aprendizagem e vivendo sua natureza humana: movimento e repouso. Segundo Merley-Ponty (apud, MACEDO, 2013) a criança compreende muito além do que sabe dizer, responde muito além do que poderia definir. Essa afirmação nos convoca a compreender melhor as múltiplas narrativas infantis nos espaços escolares, nos desafia a sermos ouvintes mais sensíveis e permitir as crianças decidirem o que desejam aprender e como aprender. Não é uma tarefa fácil e que já tenha receita, é um processo de formação contínua dos educadores, das escolas, das famílias e até mesmo das crianças, que apesar de saberem muito, ainda estão como nós aprendendo a participar, a sugerir, a viver o coletivo, a usar o silêncio e a sua voz.

#### 4.3 RODA DE CONVERSA

**Contexto do cotidiano destacado:** O momento apresentado se refere à roda de conversa, momento esse em que o grupo dialoga sobre um determinado tema, situação provocada por alguma criança ou professora, interação entre as crianças e adultos tendo o diálogo como principal

ferramenta. Segundo Bomtempo (2003, p.33) a roda de conversa é o ponto alto de qualquer rotina escolar, pois as crianças se sentem livre para falar. Esse momento da rotina escolar é de suma importância para o protagonismo infantil, para que a relação horizontal entre professora e criança se dê verdade. Segundo o Referencial Curricular para Educação Infantil, a roda de conversa é definida como um momento privilegiados de diálogos e intercambio de ideias (MEC/SEF1998, p.138). No contexto vivido e registrado a presente professora em uma roda de conversa logo no início da manhã, pergunta as crianças do grupo de 04 anos como elas estavam se sentindo, e é que as crianças começam a responder.

**Ariane:-** Bem.

**Maria Clara:** - Estou feliz porque estou na escola.

**Professora pesquisadora:** O que te faz feliz na escola?

**Maria Clara:** as brincadeiras, músicas, a professora...

**Professora Pesquisadora:** Quem mais quer falar?

**Kauã:** Estou feliz!

**Professora Pesquisadora:** O que te faz feliz?

**Kauã:** As brincadeiras.

**Jonhnatas:** - Estou feliz, porque estou aqui e brinco com Daniel.

**Isabelly:-** Estou feliz porque tem Sol hoje.

**Sabriny** - Estou feliz!

**Professora Pesquisadora:** O que te faz feliz?

**Sabriny:-** Porque eu aprendo muito aqui.

**Professora Pesquisadora:** - O que você aprendeu aqui?

**Sabriny:-** a brincar, a fazer sucos, a cortar, a fazer comida, a fazer coisas.

**Kézia:** -Estou feliz! , e eu pergunto:

**Professora Pesquisadora:** O que te faz feliz?

**Kézia:** - Os brinquedos da escola, minhas amigas daqui e minha professora.

Essas falas das crianças demonstram que as experiências ofertadas na escola são prazerosas e as deixam felizes e que elas aprendem na interação entre si e com sua professora. Importante destacar também é a capacidade de reflexão e explicação perante os porquês do estar feliz, e os motivos eram reais.

A vontade de falar era de todo o grupo, até as crianças que demonstravam timidez falavam, que estavam felizes, o estar feliz foi unânime e por diversas razões, amor que sentia no peito, por ter os pais por perto, por que tem sol hoje, porque gosto de brincar com os colegas Jonatas e Daniel e assim foi uma roda de conversa sobre o que eles sentiam naquele momento e não foi chato para eles, afinal era sobre eles o diálogo, sobre seus sentimentos e necessidade.

Rinaldi (2012, p.42) afirma: escutar nossos interlocutores significa tentar ouvir aquilo que não foi dito, mas que tentar se fazer ouvir. (...) É pensar um ao lado do outro e juntos. Escutar e se colocar no lugar do outro e pensar junto com o outro, significa colocar todos os atores curriculares em uma roda, onde todos tem importância na construção pedagógica, na caminhada da vida. As crianças demonstram o tempo todo seus pensamentos, preferências, porém nós educadoras (es) ainda precisamos aprender a ouvir o não dito e trazer o brincar, o sentir, o ouvir para nossas vivências em salas de aula e isso não ser um momento ou outro, mas ser a essência da prática na educação infantil.

Esse contexto vivido de escuta trouxe muita emoção, pois revelou relações, revelou sentimentos, revelou um caminho a ser trilhado e demonstrou mais uma vez que as crianças pensam e refletem sobre o vivido no ontem e no hoje. Escutar como um verbo ativo que envolve interpretação, dando sentido a mensagem e valor àqueles que a oferecem. (Rinaldi, 2013).

Esse cotidiano vivido relatado traz consigo o olhar das crianças para si, e para o que a cerca no momento: a Escola, e traz essa escola como o lugar do brincar, do viver coisas novas, de relacionar com seus pares, com os adultos e com os brinquedos e até mesmo com a natureza (o Sol). A significação do processo ensino-aprendizagem se deu em cada fala, pois as crianças queriam expressar seus sentimentos, eram reflexivas nas expressões e não repetiam umas as outras nas suas segundas repostas.

#### 4.4 CONSTRUÇÃO COLETIVA DO PLANEJAMENTO DO MÊS

**Contextos do cotidiano destacado:** Durante as vivências realizadas na Creche Santa Maria, foram intensas a participação e as falas das crianças. Esse processo foi acontecendo naturalmente e no final do ano, propus ao grupo que planejassem o mês de dezembro comigo. Pois acredito na potencialidade da criação das crianças, que durante 05 meses foram colaboradoras e me inspiraram nos planejamentos, não acreditar nelas, é não acreditar no processo de ensinagem e aprendizagem que propôs.

O desrespeito à leitura de mundo do educando, revela um gosto elitista, portanto antidemocrático, do educador que, desta forma, não escutando o educando, com ele não fala. Nele deposita seus comunicados. (FREIRE, 1996).

E ao contrário de depositar meus comunicados, queria com essa vivência, ouvir meus educandos, buscando assim, perceber não só sua criatividade, mas sua autonomia nas escolhas e construções de ideias. As crianças necessitam e tem o direito de participar do seu processo de ensinagem e aprendizagem, bem como sugerir o que querem aprender, não é algo fácil e corriqueiro, mas que precisamos exercitar nesta caminhada docente.

Nesse dia mostrei uma tabela com os dias que ainda teríamos juntos naquele ano e disse ao grupo que eles iriam decidir que atividades, vivência e experiências iríamos ter naquele mês e o que eles queriam aprender ainda. E assim foi, um momento em que a vida cotidiana, os sabores da comida, do doce e até mesmo as atividades escolares tecnicistas forma requeridas das pelas crianças, nenhuma delas censuradas, somente apoiadas e resignificadas no coletivo e nas possibilidades da Creche em que estávamos inseridos.

**Kauã:**-Pró vamos fazer hambúrguer?

**Júlia:** - Pró Aristela podemos ir na minha casa para ver os gatinhos que nasceram?(afinal estavam falando sobre nascimento de Jesus em uma aula passada).

Professora pesquisadora: - Precisamos apenas marcar com sua mãe o melhor dia. E perto da escola sua casa?

**Júlia:** - Sim, falo com ela hoje.

**Maria Clara:** - Vamos fazer brigadeiros!

**André Luis:** - Pró queria um dever de matemática.

**Professora pesquisadora:** Como seria esse dever André?

**André Luis:** - De papel e lápis.

**Kézia:** Quero fazer um bolo de chocolate.

**Professora Aristela:** todos concordam com todas essas atividades, vocês gostaram do que os colegas sugeriram?

**Adriel:** Quero fazer tudo, e também brincar no parque de pneus, igual aquela corrida (circuito no parque de pneus em que cronometramos o tempo de cada um ao fazer o percurso).

**Professora Aristela:** E o restante da turma aceita mesmo? Querem sugerir outras atividades? Então vou começar a escrever nesta tabela aqui.

**Isabelly:** Eu gostei do brigadeiro e do bolo de chocolate pró. E também quero ver os gatinho de Júlia.

**Professora Aristela:** - Gostaria também de sugerir algo: pensei em passarmos uma manhã na minha casa pra tomamos banho de piscina e lancharmos o bolo de chocolate sugerido por Kezia. O que acham?

**Todas as crianças do grupo:** Gritam e pulam de alegria...

As crianças sabiam o que ia fazer e partilhavam com os pais em casa e muitas vezes os mesmo não acreditavam nas crianças, essas por sua vez, ao mostravam o planejamento exposto na sala e isso lhe davam um prazer imensurável, pois ali estava a prova da capacidades delas, seja de construção cognitiva, coletiva, seja de relatar o ocorrido ou o que ainda irá ocorrer. Neste sentindo, o papel do adulto é criar espaços para que a criança escute a si mesmo e comunique a escuta de si. (Oliveira-Formosinho, p.48, 2013)

As crianças nos desafiam a ampliar nossa prática e nos estimulam a refletir sobre nosso ser docente na educação infantil, que não é apenas propor,

fazer, apresentar, mas escutar, sentir, brincar e saborear os processos de desenvolvimento dessas crianças que estão apenas começando a expressar o que vê no mundo, o que pensam sobre o mundo e o que querem dele. É essencial vê criança como protagonista de sua própria aprendizagem, potencializar as experiências vivenciadas pelas crianças, em relação ao mundo social e ao natural e dinamizar cada vez mais os conhecimentos a partir dos conhecimentos trazidos pelas crianças.

## 5 REFAZENDO-SE AGORA E SEMPRE

Estudar a si mesmo e a sua prática não é tarefa fácil e essa pesquisa mostrou isso, porém é uma atividade de suma importância para o crescimento profissional e pessoal do docente na educação infantil. Pois as crianças solicitam dos seus docentes atitudes inovadoras a cada dia, nos instiga a viver no mundo delas, que é de inventividade, de movimento, de criação e de sensibilidade.

Ouvir, registrar e analisar as narrativas infantis faz com que o educador se torne pesquisador contínuo da sua prática pedagógica, o faz um exímio etnopedagogo. O subjetivo da prática vem à tona e a busca por essa compreensão se faz necessário a cada reflexão, e não há outra forma de mergulhar em si mesmo, na sua essência pedagógica se não pesquisar, documentar e refletir.

A cada ação pensada para ouvir as crianças e até as não pensadas, vislumbrava o motivo da confiança das crianças para com a professora pesquisadora, a dedicação na realização das atividades, na participação dos diálogos, nas pronúncias de cada palavra cheia de sentido e sabedoria. Ouvir nos coloca numa posição de responsabilidade, e assim senti cada narrativa, com a obrigação ética e amorosa de tornar essa escuta, uma ação pedagógica viva e significativa.

Amorosa, pois a essa confiança citada acima respingava amor por todos os lados, a relação afetiva, respeitosa entre professora e crianças foi base para uma pedagogia da escuta que se desenhava nos processos de fala e escuta recíproca, por tanto base para uma pesquisa pedagógica cheia de sentido. Foi saboroso constatar que a relação ética, a relação de escuta, a relação de respeito, a relação de afetividade, de postura aprendiz entre professora e crianças, resulta em aprendizagens ricas e profundas para toda a comunidade escolar, pois essas relações no processo de ensino/aprendizagem chega até a família, até a coordenação da escola e parceiros e todos os envolvidos vislumbram e sentem o amadurecimento das crianças, da professora e das famílias em questão.

Importante ressaltar que o processo de ensino e aprendizagem na pedagogia da escuta não se passa somente com as crianças, mas com todos

que realmente se colocam a disposição para a aprendizagem e para refletir sobre as narrativas infantis. Nesta perspectiva, o papel do docente se torna cada vez mais crucial, no que tange possibilitar as crianças vivências ricas, em que as falas das crianças sejam ouvidas e que essas falas se tornem o norte da proposta pedagógica do professor e, por conseguinte, da escola.

O docente ao proporcionar momentos de escuta e ouvir as crianças em tantos outros momentos do cotidiano escolar, se depara com uma criança potente e competente, que mesmo com um vocabulário ainda em construção, consegue expressar nas suas narrativas conceitos, fenômenos, desejos, contradições e conhecimentos de mundo que nós desconhecíamos que elas compreendiam. Ouvir as crianças nos abre um mundo recheado de vida, de cores, de sensações de esperteza também, pois as narrativas infantis nos empoderam, nos torna mais potente como elas no processo de ensino e aprendizagem.

Escutar as crianças nos faz nos aproximar da nossa criança e só assim, depois de experimentar essa criança é que poderemos dialogar com clareza, leveza, simplicidade com as crianças das nossas escolas, das nossas casas, das nossas vidas. É se abrir para a simplicidade do dizer, do escutar, da beleza das palavras e de práticas de ensino e aprendizagem mais próximas e verdadeiras.

O processo de ensino e aprendizagem baseado nas narrativas infantis detém um senso crítico das necessidades e querereres das crianças, não querereres sem desafios, sem importância para o desenvolvimento delas, ao contrário, todas as brincadeiras, músicas, jogos e até atividades sugeridas, desejadas e inventadas pelas crianças desta pesquisa, eram permeadas por desafios, pelo movimento, pela criatividade, pela vontade de experimentar novo, pela vontade de sair da escola, de está com os animais, de está com outras pessoas e de estarem juntos também, mas sempre mais.

Tornar as narrativas infantis instrumentos para a melhoria na qualidade da prática pedagógica requer que todos os sentido do educador estejam apurados, às vezes não todos ao mesmo tempo, mas a cada etapa da documentação, da reflexão e da projeção dessa ação pedagógica um ou outro necessita entrar em ação. Porém, esta ação precisa ser delicada, refletida, saboreada e coletivamente discutida, para que haja ética, estética e

profundidade pedagógica, buscando um construir no cotidiano escolar uma prática pedagógica capaz de despertar nas crianças o interesse real e prazeroso pelas novas descobertas.

Revisitar teoricamente a pedagogia da escuta, e buscar alinhar a teoria e a prática, é um refazer-se sempre, é um se permite desenhar sua trajetória profissional e acadêmica, é se posicionar como uma eterna aprendiz, assim me senti a cada descoberta, a cada documentar, a cada refletir desta pesquisa. Me senti pesquisada por mim mesma, me senti desafiada, me senti inquieta com tanta coisa que não sei ainda, porém me feliz por descobrir que é possível se refazer a cada dia com as crianças, elas permitem isso o tempo todo, nos deixam pistas, nos ensinam, nos emocionam e nos diz queremos mais.

As crianças na educação infantil querem mais de nós, querem serem crianças, querem brincar, querem cantar, querem se melar, querem poetizar, querem conversar, manter relações próximas com todos a sua volta, porém que sejam afetuosas, querem ser respeitadas nos seus direitos e vistas como ser social e acima de tudo serem escutadas. Suas mentes são sedentas de desafios, não muitos cheios de regras, querem aprender conosco, sabem seus limites e potencialidades, nós as vezes que não enxergamos isso, pois não temos as orelhas verdes, pois teimamos em respeitar a rotina e não o cotidiano.

A única conclusão a ser feita é que a principal atividade do educador ao educar é ouvir, e se fazer escutar numa relação ética e amorosa, e que suas práticas pedagógicas sejam permeadas pela criatividade, pelo desejo de dividir com as crianças sempre o novo, esse novo que nasce no chão do espaço escolar e do alto da imaginação das crianças nos seus devaneios cotidianos. Enfim, aprender juntos e ensinar juntos, numa escuta e numa narrativa coletiva de vozes por uma educação infantil de numerosas linguagens e sobre tudo, por uma educação infantil que respeite a infância.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: Rotinas na educação infantil**, Porto Alegre: Artmed, 2007.

BASSEDAS, E. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

BOMTEMPO, Luzia. **Alfabetização com sucesso**. Contagem: Oficina Editorial, 2003.

BRASIL. Lei n.9394, **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Editora do Brasil.

\_\_\_\_\_, Ministério da educação, Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Revisão das Diretrizes Nacionais para Educação Infantil**, parecer nº 20/2009, 17 de dezembro de 2009.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**, 2013. Disponível em: Acesso em: mai. 2016.

CONCEIÇÃO, A. P. S; MENDES, F. O. S. **Currículos na Educação Infantil: Desafios entre Cuidar e Educar**. In: RAMAL, A; SANTOS, E. O(org.). **Currículos – teorias e práticas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012- p.137-161.

CRUZ, S. H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo:

DEVRIES, Reta, Betty Zan. **A ética na Educação Infantil: Ambiente sócio-moral na escola**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 1998.

EDWARDS, Carolyn, Lella Gandini, George Forman. **As cem linguagens da criança: Abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários para a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRAMMER, Sônia; ROCHA, Eloisa (orgs.). **Educação Infantil: enfoque e diálogos**. Campinas/SP: Papyrus, 2011.

LIMA, Sandra Vaz de. **Conceito de Infância**. Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/conceito-de-infancia-1863419.htm>. Acesso em: mai.2016.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador: Edufba, 2004.

\_\_\_\_\_, Roberto Sidnei. **Pesquisar a experiência. Compreender/mediar saberes experienciais**. Salvador: Editora CRV, 2015.

\_\_\_\_\_, R. S; AZEVEDO, O. B. **Infâncias-devir e currículo: a afirmação do direito das crianças à (aprendizagem) formação**. Editora da UESC, 2013.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa (org.). **Currículo: Políticas e Práticas**. Campinas-SP: Papirus, 1999.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia Oliveira (org.). **Modelos curriculares para educação de infância: Construindo uma práxis de participação**. Porto: Porto Editora, 2013.

\_\_\_\_\_; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. **Pedagogia(s) da infância. ia(s) da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2007. (Coleção Dialogando com o passado. Construindo o futuro).

OLIVEIRA, Renata Cristina Dias, 2011. "Agora eu"...: **Um estudo de caso sobre as vozes das crianças como foco da pedagogia da infância**. Dissertação de Mestrado. USP, São Paulo. Brasil.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Grafia, 1999.

PRADO, Clarina Alves do; MIGUEL, Marelencquelem. **A proposta pedagógica de Loris Malaguzzi registros no cotidiano da educação infantil**. Disponível: <http://docplayer.com.br/3729275-A-proposta-pedagogica-de-loris-malaguzzi-registros-no-cotidiano-da-educacao-infantil.html>. Acesso: mai 2106

PRIORI, M. D. **História da criança no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 1998.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Vol.2 e 3. MEC/SEF: Brasília, 1998.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender**. Tradução Vania Cury. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

TONUCCI, Francesco. **La città dei bambini: Um modo nuovo dipensare La città**. Roma: Editori Laterza, 1997.

**APÊNDICE A-** Perguntas feitas as crianças no período da pesquisa na Creche Santa Maria.

**CRECHE SANTA MARIA**  
**PROFESSORA: ARISTELA EVANGELISTA DOS SANTOS**  
**GRUPO 04**

1. Como você está se sentindo hoje? Por quê? O que te deixou assim?

A segunda pergunta só era feita depois que a criança respondia à primeira, e dependia da resposta.

2. O que você aprendeu na escola até hoje? Do que você mais gostou?

3. Como você se sentiu no relaxamento?

4. Que atividades ou experiências vocês gostariam de fazer neste mês? Vamos planejar?

5. Quais suas histórias preferidas?

6. Vocês preferem continuar fazendo a atividade ou ir pra brinquedoteca?

Essa pergunta norteava o cotidiano da escola, pois o tempo destinado atividade programada nem sempre era suficiente para as experiências promovidas pela educadora. E as crianças na maioria das vezes preferiam continuar fazendo a atividade e depois ir para a brinquedoteca.

7. Qual seu ambiente favorito na escola?

8. Qual seu ambiente favorito na sala de aula?

## APÊNDICE B- Quadro Estado Da Arte

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA-UFBA**  
**FACED- FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCENCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**ARISTELA EVANGELISTA DOS SANTOS**

**ESTADO DA ARTE**

<b>Ano</b>	<b>Área de conhecimento</b>	<b>Nível Especialização/mestrado</b>	<b>Instituição ou Região</b>	<b>Título</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Objeto de pesquisa</b>	<b>Abordagem teórica</b>	<b>Abordagem metodológica Campo, sujeito e resultados da pesquisa</b>	<b>Resultado</b>
2014	Educação	Mestrado	UFMG Minas Gerais	Prática do registro as rotina de uma turma de educação infantil e os sentidos e significados atribuídos pelas crianças e sua professora.	Juliana Basilio Medrado	Relações que as crianças estabelecem com determinada prática escolar.	Psicologia histórica cultural, sociologia da infância de Corsaro	- Estudo de caso; - Pesquisa qualitativa; - Crianças de 04 e 5 anos; - Escola, sala de aula.	Por meio das atitudes da professora em favorecer a autonomia aos seus alunos, estabelecem frequentes diálogos por meio dos quais buscavam valorizar as demandas, essas crianças se apropriavam das possibilidades e se envolviam nas práticas escolares, atribuindo diversos sentidos e significados a essas, de acordo com suas experiências.
2011	Educação	Mestrado	USP São Paulo	"Agora eu"...: Um estudo de caso sobre as vozes das crianças como foco da pedagogia da infância.	Renata Cristina Dias Oliveira	Compreender a articulação existente entre a voz infantil e o contexto da educação infantil	Socio histórica , sociologia da infância	-Orientações etnográficas; - Escola, sala de aula; - Crianças de 02 e 03 anos.	A escuta das vozes infantis favorece a construção de contextos educativos pautados na valorização e potencialização da autonomia infantil na sensibilidade e acolhida das proposições das crianças bem como no encorajamento de suas ações frente aos desafios, dando oportunidade para a construção de processos significativos.
2013	Educação	Doutorado	USP São Paulo	Prática de mediação de uma professora de educação	Ângela Do céu Ubaiára	Práticas de mediação pedagógica na educação infantil	Abordagem em sócio cultural-Vygotsk	- Estudo de caso; - Pesquisa qualitativa, pesquisa	As ações colaborativas de empenho dos adultos favorecem o interesse das

				infantil			y e Dewey	ação; - Crianças entre 03 e 05 anos e professora.	crianças, possibilitando a vivência de experiências em plenitude na participação do contexto educativo. Importante salientar a organização de um ambiente rico em possibilidades, com materiais diversificados, por meio da utilização de signos e da interação de parceiros mais experientes.
2009	Educação	Artigo	USP São Paulo	Introduzindo a política na creche: A Educação Infantil como prática democrática	Peter Moss	A democratização nas creches.	Peter Moss, Loriz Malaguzzi	Pesquisa teórica, Escolas,	Em primeiro lugar a prática política democrática na educação infantil é possível e necessária, em segundo lugar a democracia é arriscada para todos os envolvidos no processo da democratização. O reconhecimento de diversos paradigmas é um valor importante a prática democrática E por último e não finalizando: Há práticas na educação infantil democráticas já experimentadas e validade como sucesso a exemplo da prática pedagógica praticada na cidade de Reggio Emilia/IT .
2008	Psicologia	Mestrado	USP Ribeirão Preto	Retratando uma creche: Um encontro de olhares e dizeres revelando sentidos para uma educação infantil de qualidade	Mariana Aguiar Jabur	Rotina escolar: O que as crianças gostam e não gostam.	Sociointeracionismo, epistemologia genética	Pesquisa qualitativa; Crianças de 03 a 06 anos, Entrevista Coleta de dados,	A preferência pelas "brincadeiras livres", com pouca intervenção das professoras e compartilhado por grupos de amigos. As atividades e rotinas das quais não gostam são os momentos de controle e disciplina exercidos pelos adultos da instituição, além das atividades relacionadas a preparação para o ensino escolarizante. O

									trabalho aponta para a valorização das significações que emergem quando as crianças são chamadas a avaliar a Instituição que frequenta.
2008	Educação	Mestrado	USP São Paulo	A (des) construção de um espaço e (re) construção de uma prática educativa: A jornada de uma professora de educação infantil num espaço reorganizado.	Meire Festa	A jornada de uma professora de educação infantil num espaço reorganizado.		Estudo de caso; Professora e crianças de 03 a 5 anos; Escola, sala de aula;	O processo formativo gerou mudanças efetivas na prática desenvolvida pela educadora, que foi capaz de se responsabilizar pelos efeitos de sua prática nas ações das crianças, criando uma postura diferenciada da inicial como investigadora da sua própria prática, identificando problemas na sua ação, criando hipóteses sobre possíveis causas e buscando maneiras de transformar o que observava. Conclui-se, com o processo pesquisa-ação, que a educadora pôde distanciar-se de uma pedagogia transmissiva, aproximando-se de uma pedagogia da participação, que valoriza o protagonismo da criança, ao mesmo tempo em que deixa para a educadora o real papel de mediadora do processo de construção de conhecimento da criança pequena.

## APÊNDICE C- Termo de autorização de imagens.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM**

Sr. Pais ou responsáveis  
 Pelo presente instrumento aprova-se o uso de imagem do menor  
Kauã Gabriel Nunes Santos  
 matriculado na Creche Santa Maria, cujo responsável é  
X Juliana de Souza Petronça  
 RG \_\_\_\_\_, residente na cidade de Camaçari/Ba  
 sendo denominado cedente, com base na Lei nº 9.610/98, sobre os uso de direito de imagem  
 do menor para ser utilizada para a pesquisa de pós graduação intitulada as Múltiplas  
 Narrativas Infantis na Construção da Prática Pedagógica da Creche Santa Maria, da professora  
 Aristela Evangelista dos Santos realizada nesta unidade escolar  
 A cedente autoriza a professora Aristela Evangelista dos Santos, a utilizar esta imagem por  
 período determinado e exclusivo fim a título gratuito, no Brasil ou exterior sem que caiba ao  
 mesmo cedente, inclusive em relação a eventuais herdeiros e sucessores qualquer  
 participação no eventual proveito econômico direta ou indiretamente a professora Aristela  
 Evangelista dos Santos.

Camaçari, 06 de junho de 2016.

X Juliana de Souza Petronça  
 Responsável do cedente/responsável pelo menor

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM**

Sr. Pais ou responsáveis  
 Pelo presente instrumento aprova-se o uso de imagem do menor  
Ronald José Nascimento Santos  
 matriculado na Creche Santa Maria, cujo responsável é  
X Andreia Marcelino Nascimento  
 RG \_\_\_\_\_, residente na cidade de Camaçari/Ba  
 sendo denominado cedente, com base na Lei nº 9.610/98, sobre os uso de direito de imagem  
 do menor para ser utilizada para a pesquisa de pós graduação intitulada as Múltiplas  
 Narrativas Infantis na Construção da Prática Pedagógica da Creche Santa Maria, da professora  
 Aristela Evangelista dos Santos realizada nesta unidade escolar  
 A cedente autoriza a professora Aristela Evangelista dos Santos, a utilizar esta imagem por  
 período determinado e exclusivo fim, a título gratuito, no Brasil ou exterior sem que caiba ao  
 mesmo cedente, inclusive em relação a eventuais herdeiros e sucessores qualquer  
 participação no eventual proveito econômico direta ou indiretamente a professora Aristela  
 Evangelista dos Santos.

Camaçari, 06 de junho de 2016.

X Andreia Marcelino Nascimento  
 Responsável do cedente/responsável pelo menor

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Sr Pais ou responsáveis,  
 Pelo presente instrumento aprova-se o uso de imagem do menor  
 matriculado na Creche Santa Maria, cujo responsável é  
 Amanda dos Santos Pereira  
 RG: X Maurício Jesus dos Santos

residente na cidade de Camaçari/Ba,  
 sendo denominado cedente, com base na Lei nº 9.610/98, sobre os uso de direito de imagem  
 do menor para ser utilizada para a pesquisa de pós graduação intitulada as Múltiplas  
 Narrativas Infantis na Construção da Prática Pedagógica da Creche Santa Maria, da professora  
 Aristela Evangelista dos Santos, realizada nesta unidade escolar  
 A cedente autoriza a professora Aristela Evangelista dos Santos, a utilizar esta imagem por  
 período determinado e exclusivo fim, a título gratuito, no Brasil ou exterior sem que caiba ao  
 mesmo cedente, inclusive em relação a eventuais herdeiros e sucessores qualquer  
 participação no eventual proveito econômico direta ou indiretamente a professora Aristela  
 Evangelista dos Santos.

Camaçari, 06 de junho de 2016.

X Maurício Jesus dos Santos  
 Responsável do cedente/responsável pelo menor

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Sr Pais ou responsáveis;  
 Pelo presente instrumento aprova-se o uso de imagem do menor  
 matriculado na Creche Santa Maria, cujo responsável é  
 Ezequiel Freitas Oliveira  
 RG: X Geysa Freitas Silva

residente na cidade de Camaçari/Ba, sendo  
 denominado cedente, com base na Lei nº 9.610/98, sobre os uso de direito de imagem do  
 menor para ser utilizada para a pesquisa de pós graduação intitulada as Múltiplas Narrativas  
 Infantis na Construção da Prática Pedagógica da Creche Santa Maria, da professora Aristela  
 Evangelista dos Santos, realizada nesta unidade escolar  
 A cedente autoriza a professora Aristela Evangelista dos Santos, a utilizar esta imagem por  
 período determinado e exclusivo fim, a título gratuito, no Brasil ou exterior sem que caiba ao  
 mesmo cedente, inclusive em relação a eventuais herdeiros e sucessores qualquer  
 participação no eventual proveito econômico direta ou indiretamente a professora Aristela  
 Evangelista dos Santos.

Camaçari, 06 de junho de 2016.

Geysa Freitas Silva  
 Responsável do cedente/responsável pelo menor

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Sr. Pais ou responsáveis;

Pelo presente instrumento aprova-se o uso de imagem do menor

matriculado na Creche Santa Maria, cujo responsável é

RG \_\_\_\_\_, residente na cidade de Camaçari/Ba,

sendo denominado cedente, com base na Lei nº 9.610/98, sobre os usos de direito de imagem do menor para ser utilizada para a pesquisa de pós graduação intitulada as Múltiplas Narrativas Infantis na Construção da Prática Pedagógica da Creche Santa Maria, da professora Aristela Evangelista dos Santos, realizada nesta unidade escolar

A cedente autoriza a professora Aristela Evangelista dos Santos, a utilizar esta imagem por período determinado e exclusivo fim, a título gratuito, no Brasil ou exterior sem que caiba ao mesmo cedente, inclusive em relação a eventuais herdeiros e sucessores qualquer participação no eventual proveito econômico direta ou indiretamente a professora Aristela Evangelista dos Santos.

Camaçari, 06 de junho de 2016.

*Angélica V. dos Santos*  
 Responsável do cedente/responsável pelo menor

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Sr. Pais ou responsáveis;

Pelo presente instrumento aprova-se o uso de imagem do menor

matriculado na Creche Santa Maria, cujo responsável é

RG \_\_\_\_\_, residente na cidade de Camaçari/Ba, sendo

denominado cedente, com base na Lei nº 9.610/98, sobre os usos de direito de imagem do menor para ser utilizada para a pesquisa de pós graduação intitulada as Múltiplas Narrativas Infantis na Construção da Prática Pedagógica da Creche Santa Maria, da professora Aristela Evangelista dos Santos, realizada nesta unidade escolar

A cedente autoriza a professora Aristela Evangelista dos Santos, a utilizar esta imagem por período determinado e exclusivo fim, a título gratuito, no Brasil ou exterior sem que caiba ao mesmo cedente, inclusive em relação a eventuais herdeiros e sucessores qualquer participação no eventual proveito econômico direta ou indiretamente a professora Aristela Evangelista dos Santos.

Camaçari, 06 de junho de 2016.

*Arnta do Nascimento Brito*  
 Responsável do cedente/responsável pelo menor

**ANEXO A-** Rotina anexada na parede das salas de cada grupo.



**PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMAÇARI  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE CAMAÇARI-SEDUC  
CRECHE SANTA MARIA**

**ROTINA DO GRUPO 04  
(Matutino)**

<b>HORARIO</b>	<b>ATIVIDADE DESENVOLVIDA</b>
8H	Acolhida diversificada
8H20	Roda de conversa/músicas
8H40	Atividade dirigida/experiências
9H30	Brinquedoteca
10H	Higienização/Lanche
10H30	Parque
11H	História
11H45	Saída

**A direção**